INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

cies_iscte
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia

Anatomia do Voto:
As motivações do voto na extrema-direita em Portugal

Relatório de Projeto de Iniciação Científica no Iscte

Ana Sofia Cruz

Orientadora: Professora Magda Nico, Professora Auxiliar

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Maio 2026

Índice

Introdução 3
Estado da arte 4
Metodologia 11
1. Componente quantitativa 11
2. Componente qualitativa 14
O voto visto de fora: posições e oposições 21
1. Eleitores em Portugal 23
2. Perfis político-partidários 28
3. Perfis e caracterização sociodemográfica dos perfis político-partidários 32
O voto visto de dentro: trajetória e agência 36
1. O lugar da política 37
2. O peso dos valores 42
3. A perceção do estado do país 44
4. A leitura do presente 52
5. Os pilares e os holofotes da política 54
6. A trajetória do voto 58
Anatomia do voto: lições e reflexões 63
Bibliografia 68
Anexos 73

Introdução

A emergência de partidos de extrema-direita populista que se tornam senão as principais, pelo menos relevantes forças políticas, constitui uma realidade em cada vez mais países, sobretudo ocidentais, e onde Portugal se inclui. Dessa realidade, têm-se ocupado muitos cientistas sociais e sobretudo políticos, na tentativa de compreender ou medir o fenómeno a partir de uma escala global, internacional e por vezes histórica, tal como de Cas Mudde ("The Far Right Today", 2019) ou de Sandra Halperin ("The far right in modern world history", 2023). Os estudos de escala mais nacionais estão muitas vezes diretamente associados ao imediatismo das sondagens e das eleições vigentes, visando explicá-las a partir dos próprios partidos, campanhas e programas, ou debater as consequências dos resultados, a curto prazo. A fugir a este presentismo, em Portugal existem alguns estudos muito relevantes que desenvolvem retratos de carácter coletivo e de longo fôlego desses partidos, identificando dinâmicas internas e redes individuais e partidárias, como é o caso da recente investigação jornalística de Miguel Carvalho ("Por dentro do Chega", 2025) e a prosopografia do Chega desenvolvida por Jaime Roque (2022).

Este projeto aborda o tema de outras formas. Desenvolveu-se a partir de uma abordagem sociológica, de escala individual e familiar, para identificar os fatores e compreender a propensão e desejo de seguir ou apoiar, ou simplesmente votar, nestes partidos de cariz populista (muito por comparação a outros comportamentos políticos). O caso Português e o partido Chega constituem o observatório principal desta investigação, sem descurar da comparabilidade e contraste com outros partidos em Portugal.

Os indivíduos incorporam um *habitus*, um perfil com propensão para determinado tipo de práticas e representações sociais durante a trajetória de vida, a qual atravessa determinados contextos sociais, culturais e económicos (Bourdieu, 2007). Por outro lado, a socialização política é uma dimensão específica do processo de socialização dos indivíduos, cujas características e efeitos resultam de determinada conjuntura social, económica e política, mas que também acontece a um nível micro, de acordo com a origem social, a história familiar e até o nível de escolaridade (Tomizaki *et al*.,2016). Assim, é partindo da premissa de que cada voto incorpora, não apenas condições objetivas de vida atuais de cada indivíduo (muitas vezes medidas a partir das clássicas variáveis

sociodemográficas à data da inquirição), mas também as suas trajetórias, histórias, memórias e emoções, que emergem dois tipos de interrogações de partida complementares:

1) Que características sociodemográficas combinam as pessoas que já votaram ou são simpatizantes do partido Chega em Portugal? E como contribuirão as atitudes e comportamentos políticos mais latos (tais como a confiança nas instituições, por exemplo), e outros aspetos sociodemográficos (como a idade, o sexo ou a escolaridade), para esta aproximação ao Chega? Para responder a esta questão foi necessário usar uma perspetiva abrangente e comparativa, tendo-se para tal recorrido aos dados do European Social Survey Round 11, de 2023/24, e realizado uma análise multivariada, nomeadamente Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), que permitisse identificar e articular perfis políticos e perfis sociodemográficos.

2) Que histórias tem um voto para contar? A análise estatística de um dado grupo social será útil para uma caracterização macrossocial, no entanto, "a realidade social incarnada em cada ator singular é sempre menos uniforme e menos simples do que isso" (Lahire, 2004, p. 22). Torna-se importante dar visibilidade a comportamentos e subjetividades situacionais, mais do que unificá-las numa narrativa única (McCluskey, 2023). É neste contexto que se pretende fazer uma análise sociológica do voto, que encara os indivíduos como plurais (Lahire, 2004), bem como as suas disposições e os seus motivos para votar num partido, e não noutro. Para responder a esta questão foram realizadas 10 entrevistas semi-diretivas a uma amostra construída a partir de estratégias de cotas, bola de neve e conveniência (para garantir diversidade e acesso), e posteriormente analisadas através de análise de conteúdo temático, com recurso a Maxqda.

Estado da arte

Numa altura em que até as gerações mais velhas já são pós II Guerra Mundial e, no caso de Portugal, apenas as gerações mais velhas têm memórias de vida da altura da ditadura, as memórias de experiências vividas e expressas na história oral dos povos tendem a desvanecer-se e a perder expressão com o tempo. A História, enquanto disciplina que conta o passado, ganha maior premência para o futuro, enquanto nos possa relembrar e

alertar como de manso nos podem chegar temíveis tempos de horror, de medo, de sofrimento, de opressão e ausência de liberdade.

Mas, para uma melhor compreensão da própria génese dos movimentos populistas, importa abordar a própria conceção de populismo.

Para Mudde e Kaltwasser (2017), existe um consenso relativamente ao facto de "todas as formas de populismo incluírem algum tipo de apelo ao «povo» e uma denúncia da «elite»" (p. 18), enquadrando-se assim numa crítica ao sistema, por um lado, e, por outro, numa adulação do povo. Hochschild (2025) descreve como "ritual anti-vergonha" o sentimento de perda de muitos americanos e de como as emoções, mais do que a razão, ajudam a explicar o crescimento populista de apoio a Donald Trump. Neste ritual, Donald Trump adota um discurso transgressor contra a imigração, o qual é repetidamente alvo de críticas. Vítima da vergonha pela qual o fazem passar os comentadores e comunicação social, leva-o ao momento anti-vergonha do ritual, em que se ergue, qual Robin dos Bosques, como heroico vingador, em defesa dos americanos (citado por Vasconcelos, 2025).

De forma metafórica, Hochschild descreve a relação entre a "história profunda da direita" nos Estados Unidos da América e o "Orgulho Roubado" do sonho americano como se um americano estivesse numa fila muito grande, há muito tempo, à espera do sonho americano e, de repente, há uma série de fura-filas que lhe passam à frente, desde imigrantes, refugiados, mulheres e afro-americanos, aos quais Barack Obama acena (citado por Vasconcelos, 2025).

É esta falta de fé nos políticos tradicionais que predispõe as pessoas para ouvir um líder carismático, alguém diferente que apela exclusivamente às suas emoções – fator que, segundo Hochschild torna necessário que sejamos bilingues, e que não escutemos apenas a razão, mas também as emoções, para que possamos compreender esta linguagem em que se expressa esta direita populista (Vasconcelos, 2025).

Hochschild, ainda no contexto norte americano, defende a necessidade de ultrapassar toda uma barreira cultural "para ajudar as pessoas do lado democrata a reconhecer a humanidade das pessoas do lado republicano" e que os meios de comunicação em massa têm, pelo contrário, ajudado a massificar e a intensificar esta polarização (Vasconcelos, 2025).

Para sabermos escutar e compreender as emoções que direcionam o voto na extrema-direita é preciso reconhecer a importância de compreender, qualitativamente, as razões práticas e biográficas em que se baseiam. No documentário "Apocalipse nos

Trópicos", Petra Costa "retrata a ascensão da extrema-direita às cavalitas do movimento evangélico e o modo como este se infiltrou na política Brasileira" e revela que "nos lugares mais remotos do Brasil pode não haver estradas pavimentadas nem hospitais "mas há sempre uma igreja evangélica a oferecer aos seus membros serviços sociais, um sentido de pertença e o significado da vida" (Almeida, 2025). São as emoções, a religião e a fé de mãos dadas com a política no Brasil. O documentário destaca o enorme crescimento da religião evangélica no Brasil nos 40 anos anteriores (de 5% para 30%) e Costa enfatiza que "Isso não é problemático por si só. (…) Não há razão para interferir ou discutir a fé das pessoas, a menos que ela comece a promover um projeto que, na prática, acabe por corroer a democracia e uma das maiores conquistas da sociedade moderna: a separação entre a Igreja e o Estado" (Almeida, 2025). Mas o próprio documentário acaba por mostrar o quanto esta separação entre a política e a religião evangélica no Brasil estava longe de existir. Mais do que coexistência de líderes evangélicos com políticos, dá-se a própria existência de congressistas em que eles próprios são pregadores e fazem as suas orações no Palácio do Congresso Nacional em Brasília (Costa, 2019). O documentário acompanha a campanha das eleições brasileiras de 2022 e apresenta-nos uma entrevista de Lula da Silva em que defende a independência entre a religião e a política, para depois nos mostrar também, após sondagens que não davam a Lula da Silva a segurança da vitória eleitoral, o mesmo Lula da Silva a participar de forma pública numa cerimónia evangélica. Essa mesma entrevista revela-nos um muito simbólico reconhecimento de Lula da Silva: "Tenho a tese que o que levou o socialismo ao fracasso foi a negação da religião" (Costa, 2019).

As emoções determinam, sem dúvida, os resultados eleitorais e compreendê-las é fundamental para compreender como tem sido possível o recente crescimento da extrema-direita no mundo ocidental, quando a razão apelaria certamente para os seus perigos de repetição histórica de guerras e ditaduras. Neste sentido, no dia seguinte às eleições legislativas portuguesas, de 18 de maio de 2025, J. M. Tavares escrevia para o Público:

> Responder com indignação já não chega. É preciso começar a estagiar fora da bolha. Nunca ninguém combaterá com eficácia aquilo que não consegue compreender. (Tavares, 2025)

Hochschild relembra, a este respeito, que muitas pessoas de esquerda, com estudos de qualidade bastante elevada e reconhecida, vivem elas próprias fechadas na sua

urbanidade, em conversas entre si e que de forma não intencional, "acreditam em estender a mão, mas não o fazem", e, paralelamente, as pessoas de direita "sintonizam os media e veem-se rebaixadas, como se fossem saloios idiotas, mal-educados: "Como é que se puderam interessar por este palhaço?" Estas pessoas ouvem isto e é mais uma vergonha para elas, é um novo ataque contra elas. Portanto, precisamos de quebrar essa lógica, e penso que o fazemos sintonizando com o sentimento." (citado em Vasconcelos, 2025). A recente participação de Pacheco Pereira num debate televisivo com André Ventura poderá ter sido um passo nesta direção.

A hierarquização das razões pelas quais sentimos, pensamos e agimos de determinada forma apenas vem aumentar as barreiras ao diálogo, à compreensão dos diferentes comportamentos e à polarização social, pelo que, a sua tomada de consciência, pode ser um primeiro passo para uma melhor compreensão do voto na extrema-direita.

Esta questão acaba por nos remeter para a Teoria da Reprodução (Bourdieu & Passeron, (1990 [1970]) e também para a relevância do *habitus* para o próprio comportamento político, no fundo, como reflexo de uma socialização política que advém de vários fatores socioeconómicos e culturais que não podem ser menosprezados, ainda que tendo em consideração que cada indivíduo é plural (Lahire, 2004 [1998]) e, portanto, que cada voto, tal como uma trajetória de vida, é único e também ele singular na sua génese. Tal como o valor da vida não pode ser hierarquizado, também as diferentes oportunidades e desigualdades sociais enquanto determinantes de percursos de vida e, portanto, de consequentes *habitus* não podem hierarquizar os comportamentos políticos correspondentes.

Neste sentido, a emergência de comportamentos políticos pode em si ter origem na condição social, económica e cultural das pessoas, não necessariamente de forma reprodutora desses contextos de socialização, mas pela própria agência reacionária dos indivíduos às instituições e ao sistema político-social que tende a reproduzir e perpetuar as suas condições de desprivilegio. Como se enfatiza na Teoria da Reprodução (Bourdieu & Passeron, (1990 [1970]) a propósito do sistema escolar, a pedagogia, enquanto produto das estruturas de poder, é orientada para a formação de um *habitus*, que tende a fechar o ciclo reprodutivo (Abrantes, 2010, p. 263), mas que também é fruto da ação racional, na medida em que as atitudes dos indivíduos têm "por referência estruturas particulares que dificultam sistematicamente o indivíduo, pelas suas propriedades sociais, de alcançar os segmentos mais prestigiados do sistema" (Abrantes, 2010, p. 266). Esta racionalização por parte de indivíduos mais desfavorecidos de que as suas oportunidades são limitadas

face a um sistema que favorece uma elite privilegiada, é também ela uma motivação para aderirem ao apelo dos movimentos populistas, ainda que, como refere Nunes (2011) "as clivagens sociais não [sejam] directamente transponíveis para as clivagens políticas" (p. 236), podendo os cidadãos pertencentes à mesma classe social apoiar partidos diferentes e até mesmo antagónicos (Nunes, 2011).

Tal como tem acontecido de forma geral no mundo ocidental, com os movimentos populistas de extrema-direita a ganhar cada vez maior expressão eleitoral, Portugal não é exceção e o partido Chega tem tido um crescimento bastante acentuado desde a sua criação em 2019. Em apenas 5 anos, o sistema político português passou por profundas alterações, com o fim do bipartidarismo, a normalização do populismo radical de direita, a luta dos partidos de extrema-esquerda e os desafios com que os principais partidos se depararam face a escândalos de corrupção e à crescente competição partidária (Manucci, 2024, p.4).

A recente vivência da ditadura do Estado Novo em Portugal parece desvanecer-se enquanto memória viva. Numa altura em que a democracia portuguesa celebra pouco mais de cinquenta anos, o partido Chega obteve nas últimas eleições de Maio de 2025 um resultado que lhe permite ser hoje o segundo partido com mais deputados na Assembleia da República. O líder do partido proclama por três Salazares, como se a memória de um só não trouxesse a tantos portugueses ainda o medo do seu regresso. Mas não se trata apenas de ausência de memória do passado. Numa sondagem realizada a propósito da comemoração dos 50 anos do 25 de Abril de 1974, foram realizadas 1206 entrevistas, entre 20 de março e 4 de abril de 2024, englobando diversas questões sobre a transição para a democracia (Magalhães et al., 2024)

No âmbito da investigação resultante desses inquéritos sobre a realidade em Portugal, Manucci conclui que o eleitorado do Chega tem uma imagem muito mais nostálgica do passado autoritário do que os eleitores de outros partidos (Barros, 2024). Constatou-se que das pessoas que concordam com a afirmação "Até 1974, Portugal estava melhor porque se apoiava numa identidade nacional e em valores tradicionais", 62,18% são pessoas que dizem ir votar num partido de direita nas próximas eleições. No entanto, se fizermos uma avaliação partido a partido, o valor aumenta quando se trata de eleitores do Chega, quase 39% (Barros, 2024). Além disso, a própria perceção de conquista de maior liberdade após o 25 de Abril é questionada quando se constata que 34% dos inquiridos concordam que, "apesar de vivermos atualmente num regime democrático

liberal, perdemos algumas liberdades que eram permitidas durante o Estado Novo", dos quais 34% votam Chega, versus 18% do PSD e 12% do PS (Barros, 2024).

Neste contexto, a emergência de movimentos populistas e de extrema-direita tem encontrado terreno fértil para o seu crescimento. Compreender as motivações dos indivíduos que apoiam estes movimentos e que exercem o seu voto na extrema-direita é importante para a compreensão da repetição de ciclos históricos de autoritarismo, discriminação, guerras e desrespeito de direitos humanos basilares, mas também para a sua prevenção. Nesta secção procurou-se não só apresentar alguns estudos sobre o próprio conceito de populismo, como da sua génese enquanto movimentos de extrema-direita que têm vindo a ganhar cada vez maior expressão nos países do ocidente.

Ainda que que cada voto tenha uma trajetória única, ligada a uma socialização política também ela singular, podemos, no entanto, identificar tendências sociodemográficas de comportamento político, nomeadamente, dos eleitores do Chega, tal como confirmam alguns estudos empíricos. Nos seus estudos, Cancela e Magalhães (2025) apresentam-nos como perfil mais frequente de eleitor do partido Chega, o perfil masculino, com ensino secundário e entre os 25-34 anos, sendo a faixa etária acima dos 55 anos, com ensino superior, quem apresenta menor tendência para votar no Chega.

Ainda assim, e como já aqui enfatizado, não poderemos menosprezar a singularidade dos indivíduos e das suas histórias de vida na construção da sua pluralidade (Lahire, 2004 [1998]). No mundo atual, em que a mudança social ocorre a um ritmo tão acelerado que se sente à escala do percurso de vida dos indivíduos, há fenómenos sociais cujo impacto global ainda é difícil de identificar, quanto mais medir. As redes sociais, a sua fulminante disseminação social à escala da história da Humanidade e a forma como socializam os indivíduos são um desses fenómenos.

Segundo Ferreira, os jovens são a faixa etária que mais consome notícias de política nas redes sociais, ficando mais expostos à curadoria algorítmica destas aplicações e, neste âmbito, alerta para o facto de que "a forma como se socializam politicamente hoje irá definir a qualidade da nossa democracia amanhã" (Silva, 2025). Nos seus estudos, Ferreira e Ferreira (2025), têm analisado a forma como a polarização afetiva e os sentimentos populistas entre jovens eleitores portugueses (dos 18 aos 21 anos), estão a mudar o discurso democrático, com especial atenção ao papel das plataformas de redes sociais. Os seus estudos indicam que as atitudes populistas aumentam em 27% a probabilidade de polarização afetiva, ou seja, de comportamentos de hostilidade emocional e de antagonismo entre identidades políticas. O apoio a narrativas da direita

radical corresponde a um acréscimo de 27,6% nesse tipo de polarização. Verifica-se ainda que o X (anteriormente Twitter) está associado a níveis superiores de polarização afetiva quando comparado com o Instagram, evidenciando o impacto diferenciado das arquiteturas das plataformas. O estudo demonstra o papel mediador dos ambientes digitais na intensificação da fragmentação discursiva e do antagonismo ideológico, contribuindo para a compreensão de como dinâmicas algorítmicas podem fragilizar os fundamentos normativos da sociedade aberta (Ferreira & Ferreira, 2025).

Ainda a propósito da influência dos media no crescimento do populismo de extrema-direita, Manucci explica, em dois motivos, porque é que o partido Ergue-te (também de extrema-direita), e que surgiu em Portugal antes do Chega, não teve o mesmo tipo de crescimento: "mais notícias" e "notícias positivas" (Barros, 2024). No seu projeto em que estudou o discurso dos media relativamente à direita radical em jornais como o Público, o Correio da Manhã e o Jornal de Notícias, Manucci explica que estes media, não só normalizaram o discurso do partido Chega, como os artigos publicados foram muito mais positivos (Barros, 2024). Adicionalmente, Manucci conclui que os leitores do Correio da Manhã em Portugal podem desenvolver níveis mais elevados de nostalgia autoritária, o que, por sua vez, se correlaciona com uma maior probabilidade de apoio ao Chega e que este padrão pode ser impulsionado mais pelo tom adotado pelos jornais sensacionalistas, como o Correio da Manhã, do que por níveis mais elevados de nostalgia autoritária em comparação com outros jornais. Ou seja, a própria narrativa dos media molda as perceções históricas e as escolhas eleitorais (Manucci et al., 2026).

Mas de onde provêm os políticos que hoje dão corpo ao partido Chega? Se é do conhecimento geral que o seu líder André Ventura é um ex-militante e deputado do PSD, de onde provêm os demais elementos do partido, que em tão pouco tempo ocupa 60 lugares de deputados na Assembleia da República e ainda uma série de posições a nível autárquico? O investigador Hugo Ferrinho Lopes concluiu que 25% dos militantes do Chega vêm de outro partido e, destes, 82% vêm do PSD ou do CDS/PP (Borges, 2026). Além disso, Lopes acrescenta ainda que os partidos populistas de direita, apesar de centrados na figura do seu líder, são os únicos que mantêm uma lógica de mobilização de bases. Contrariamente ao que se passou noutros países, em Portugal, enfatiza Lopes, "o resultado mais importante é que *switchers* e membros de primeira filiação são muito mais semelhantes do que diferentes", não se identificando clivagens ideológicas relevantes entre os dois grupos (Borges, 2026). No fundo, retornando à metáfora de Hochschild da fila de espera para o sonho americano, e aplicando-a à realidade portuguesa, é como se

os militantes do Chega, sendo eles já militantes de outro partido ou não, estivessem também eles na fila do "sonho da democracia prometida pelo 25 de Abril", mas já partilhando entre si ideais típicos da direita radical populista, que, perante uma "nova fila" com ideais semelhantes e com um líder sem pudor de clamar por "três Salazares", a mudança de fila se torne uma opção, maís do que justificável, natural.

Como vimos, ainda que possa ser identificado um perfil socio-demográfico dos indivíduos com maior tendência para votar no partido Chega, as emoções, o percurso de vida das pessoas, a religião, as redes sociais e até os jornais que leem tendem a influenciar o comportamento político dos indivíduos e o seu sentido de voto. É também nesta perspetiva de dualidade entre as condições objetivas de vida e as experiências de vida subjetivamente incorporadas que se desenvolve este estudo.

Metodologia

Com o intuito de compreender o que leva as pessoas a votar num partido de extrema-direita em Portugal (nomeadamente no Chega), por comparação ao que pode justificar um voto noutros partidos, o presente estudo propõe aplicar uma metodologia mista recorrendo a uma análise quantitativa e a uma análise qualitativa. Articulando estas duas componentes, poderemos conhecer mais a fundo e compreender numa ótica mais micro as condições de vida e as "razões práticas" que levam as pessoas a depositar, ou a considerar depositar,o seu voto num determinado partido (nomeadamente no Chega). Para este efeito serão privilegiadas as mais recentes eleições legislativas.

1. Componente quantitativa

Na componente quantitativa deste estudo, e para evitar uma análise sociográfica univariada como nos habituaram as análises sistematicamente apresentadas como justificação do voto (sobretudo no *aftermath* de eleições), o objetivo é o de identificar e conjugar, numa lógica multivariada, perfis de comportamento político com perfis sociodemográficos. Para tal, partiu-se da análise dos dados da última ronda disponível para Portugal do European Social Survey (ESS11-2023), recorrendo a análise univariada, bivariada e multivariada (através de Análises de Correspondências Múltiplas (Carvalho, 2017 [2008])), para identificação de perfis políticos dos eleitores do Chega e dos votantes

nos restantes partidos, relativamente às últimas eleições legislativas à data do inquérito do ESS11 (2022). Os dados foram analisados em SPSS, e à base de dados original foi aplicado o ponderador pspwght (recomendado em European Social Survey. ESS Methodology – Weighting). Trabalhou-se para este efeito com 715 a 1373 casos, dependendo dos cados válidos em cada análise.

Para a análise quantitativa foram realizados os seguintes passos.

1.a) Análise de Correspondências Múltiplas para identificação de perfis de posicionamento político

Para a caracterização de perfis de posicionamento político foi realizada uma Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), com base em seis variáveis: "Sente-se mais próximo de um partido em particular do que dos outros partidos?", "Quão próxima/o se sente de um dado partido?", "Quão interessada/o é por política?", "Partido em que votou nas últimas eleições nacionais", "Posicionamento numa escala esquerda-direita", "Votou nas últimas eleições?" e "De que partido se sente mais próximo?". Esta análise permitiu, sobretudo através dos resultados gráficos, identificar três perfis de posicionamento político.

1.b) Incorporação da análise de clusters dos perfis de posicionamento político para confirmação dos perfis encontrados

Os resultados da ACM como *input*

Com base nos perfis anteriormente identificados e com o intuito de "rentabilizar os resultados de uma ACM na medida em que eles possam ser *input* para a definição de uma tipologia" (Carvalho, 2017 [2008], p.193), foram criadas variáveis de clusters de posicionamento político. Na prática, a articulação da ACM com a análise de clusters, por forma a segmentar o espaço em análise e passar da topologia à tipologia, passa por utilizar como variáveis de *input* os scores do plano da ACM que permitiram identificar os diferentes perfis para cada um dos diferentes registos (Carvalho, 2017 [2008], p.193-207), neste caso, das respostas ao inquérito ESS em análise.

A análise de clusters

Para a análise de clusters, foram utilizadas como variáveis de *input* os *scores* dos objetos da ACM dos perfis político-partidários e solicitada uma solução para três grupos. Dado que estava relativamente definido o número de grupos e se tomaram como *inputs* os resultados da ACM (variáveis quantitativas), pôde escolher-se um método de agrupamento não hierárquico, nomeadamente o *k-means* (Carvalho, 2017 [2008], p.199).

Associação dos clusters aos perfis das variáveis originais da ACM

Os clusters foram associados aos perfis de posicionamento político através da projeção dos três clusters no plano da ACM. Para tal, foram consideradas como variáveis ativas as variáveis que permitiram identificar os perfis da ACM e como variável suplementar a nova variável de posicionamento político. Este processo permitiu validar graficamente a consistência da classificação dos grupos (Carvalho, 2017 [2008], p.204-205).[1]

2) Análise de Correspondências Múltiplas e análise descritiva para identificação e caracterização sociodemográfica dos perfis de comportamento político

Foi realizada uma segunda ACM, com recurso a variáveis sociodemográficas como o género, o escalão etário, o nível de escolaridade, a profissão, mas também os clusters de posicionamento político como variáveis ativas. Foi então possível levantar algumas pistas sobre a relação entre o posicionamento político e algumas características sociodemográficas, bem como entrar no detalhe do peso que cada categoria tem nos perfis político-partidários anteriormente encontrados.

[1] O processo de agrupamento foi ainda repetido para quatro grupos (clusters), mas esta opção foi descartada após análise gráfica de ambas as opções no plano dos objetos da ACM.

2. Componente qualitativa

Na componente qualitativa deste estudo, pretendeu-se compreender e aprofundar aspetos relacionados com as condições objetivas de existência como as socioeconómicas, mas também com os valores sociais e subjetividades acumuladas ao longo das trajetórias de vida, e de como estes influenciam o voto (nomeadamente na extrema-direita, mas por comparação a outros tipos de votos). Neste sentido, para poder aceder e posteriormente analisar como diferentes percursos de vida e contextos socioeconómicos poderão influenciar o voto, é necessário descer à escala individual de análise, nomeadamente proporcionando aos indivíduos um espaço seguro de reflexão e retrospeção para a produção de narrativas sobre a sua vida, valores e votos. A abordagem qualitativa, nomeadamente através da realização de entrevistas com guião semiestruturado capaz de tocar, cronologicamente, nas várias temáticas acima mencionadas, é a que melhor cumpre este propósito. Para a construção da amostra, foram consideradas cotas de grupos etários, nível de escolaridade e sexo, por forma a garantir alguma diversidade, mas procurou-se também obter alguma variabilidade em termos de sentido de voto e garantir a existência de votantes ou simpatizantes no Chega (para manter alguma comparabilidade). Obteve-se assim uma amostra por conveniência, recrutada através de uma estratégia de bola de neve que permitiu chegar à fala com desconhecidos com contactos em comum e cuja constituição final é apresentada na tabela abaixo.

Tabela 1 - Composição da amostra de entrevistados, por escalão etário e nível de escolaridade, com indicação dos votantes no Chega.

	≤3º Ciclo (9º ano)		Secundário (12º ano)		Ensino superior		Total			Votantes Chega		
Escalões etários	M	H	M	H	M	H	M	H	∑	M	H	∑
18-30				2	1		1	2	3	1	2	3
31-50		1		1	1		1	2	3		1	1
>50		1	1		1	1	2	2	4		1	1
Sub-totais	0	2	1	3	3	1	4	6	10	1	4	5
Total	2		4		4		10			5		

As entrevistas foram realizadas com recurso a um guião semiestruturado (o qual se apresenta em anexo) e foram gravadas, mediante consentimento informado dos participantes e garantia do seu anonimato e confidencialidade em todas as etapas deste trabalho, desde o tratamento e análise das entrevistas ao conteúdo do relatório final. Para

que pudessem ser submetidas a análise de conteúdo com Maxqda (sem recurso a IA), as entrevistas foram transcritas na integra.

No guião de entrevista (em anexo) foram considerados os seguintes blocos de perguntas:

i) Dados sociodemográficos

ii) Posicionamento político – onde se tenta compreender o posicionamento político dos participantes e respetivas motivações desse posicionamento, mas também a sua opinião sobre temas como a imigração, educação, saúde, habitação, valores de família, vacinação, direitos das mulheres, questões de género e a democracia.

iii) Comportamento político atual – em que se questiona sobre como se informam da atualidade política, sobre as atividades políticas e o sentido de voto nas eleições legislativas mais recentes, de 18 de maio de 2025.

iv) Percurso de vida e eleitoral – um conjunto de questões sobre as primeiras interações sobre política, quer no seio familiar, quer na juventude, bem como sobre a trajetória de voto ao longo da vida, com especial enfase nas eleições legislativas de 2022 e 2024.

Sempre que possível e da conveniência dos participantes, as entrevistas foram realizadas pessoalmente, no entanto, em alguns casos, houve necessidade de recorrer a entrevistas online. A duração das entrevistas foi aproximadamente de uma hora a uma hora e meia.

Após a transcrição na íntegra, foi feita uma análise de conteúdo temática com recurso a Maxqda. Para tal, foram definidas as dimensões e categorias indicadas na tabela abaixo e realizada a codificação dos diferentes segmentos de texto em função da sua categorização, independentemente da ordem do guião e localização na entrevista onde foram surgindo. A definição das dimensões de análise foi desenvolvida previamente ao processo de codificação, bem como algumas das respetivas categorias mais objetivas ou evidentes, como por exemplo o partido votado ou a escala de posicionamento político (de 0 a 10, esquerda-direita). Já as categorias das dimensões mais subjetivas, individuais ou imprevisíveis teoricamente, foram sendo criadas em função das respostas às entrevistas

encontradas no próprio processo de codificação. Deste modo, o processo de codificação combinou estratégias dedutivas e indutivas, e a grelha final de análise isso mesmo releva.

Tabela 2 – Dimensões e categorias para codificação dos segmentos das entrevistas em Maxqda

FAMÍLIA	
	VALORES DE FAMÍLIA
	Limites da Liberdade
	Diálogo
	Afetuosidade
	Entreajuda/solidariedade
	Liberdade de escolha/decisão
	Cumprir com obrigações para ter direitos
	Lealdade
	"Educação"
	Igualdade de género
	Ética de trabalho
	Valores políticos "moderados"
	Empatia
	Respeito
	VOTOS NA FAMÍLIA DE ORIGEM
	PCP
	PRD
	Não vota
	Américo Tomás
	Voto no último do boletim de voto
	PS
	PSD
	Outros direita
	ENQUADRAMENTO SOCIO-ECONÓMICO DA FAMÍLIA DE ORIGEM
	ESCOLARIDADE PAI
	<4ª classe
	4ª classe
	6º ano
	8º ano
	ESCOLARIDADE MÃE
	<4ª classe
	4ª classe
	9º ano
	Licenciatura
	Profissão dos pais
	Vivências da Infância/Juventude
SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
	CONVERSAS E DISCUSSÕES EM FAMÍLIA (infância)
	Falava-se muito de política em família
	Falava-se pouco de política em família
	Não se falava de política em família
	CONVERSAS E DISCUSSÕES COM AMIGOS (juventude e adultez)
	Falava-se muito de política entre amigos
	Falava-se pouco de política entre amigos
	Não se falava de política entre amigos
	CONSISTÊNCIA DO VOTO
	sempre votou
	só votou às vezes: só começou a votar a partir de dada altura
	só votou às vezes: vota intermitentemente
	só votou às vezes: só vota em algum tipo de eleições
	nunca votou
	TEMAS POLÍTICOS VIVIDOS E FALADOS
	A morte de Sá Carneiro
	A importância da ideologia política
	Direitos das mulheres
	Movimentos estudantis/revolucionários antes do 25 de Abril
	Colónias portuguesas antes do 25 de Abril
	25 de Abril
	Fascismo
	Guerra Colonial
	O ensino antes e depois do 25 de Abril
	INTERESSE PELA POLÍTICA: TIMING
	Juventude (até 30)
	Adultez (30-50)

TRAJETÓRIA DO VOTO
ARREPENDIMENTO DE VOTO
PS
PSD
TRAJETÓRIA DO VOTO NAS LEGISLATIVAS
VOTOS ANTERIORES
Em branco
Jorge Sampaio
Chega
Maria de Lourdes Pintassilgo
PRD
Bloco de Esquerda
UDP
PSD
CDS
PS
Voto no último do boletim de voto
PSD/CDS
LEGISLATIVAS 2022
PSD
PS
Chega
CDS
Bloco de Esquerda
Não votou
LEGISLATIVAS 2024
AD
PS
Chega
Bloco de Esquerda
Não votou
LEGISLATIVAS 2025
AD
PS
Chega
Bloco de Esquerda
Não votou
TRAJETÓRIA DE COMPORTAMENTO POLÍTICO
Associativismo cultural
Voluntariado
Candidato partidário em eleições
Manifestações
Petições
Militância partidária / Apoio partidário
Publicações nas redes sociais
Voto em consciência
Fala de política com amigos
Assume voto/posicionamento político a amigos/familiares
VOTO NAS AUTÁRQUICAS
Coincide com Legislativas
Não coincide/vota na pessoa
VOTO NAS EUROPEIAS
Coincide com Legislativas
Não coincide/vota na pessoa
MOTIVAÇÃO DO VOTO NAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES
Luta pelos jovens
Direitos das mulheres
Injustiça com o Montenegro/cumprimento da legislatura
Anti-direita (voto útil)
Contra o sistema
"Revolta e impotência para tudo"
Corrupção
Liderança
Políticas propostas
Valores do partido
Falta de alternativas
OPINIÃO SOBRE RESULTADO DAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES
Mau resultado
Bom resultado
OPINIÃO SOBRE PRIMEIRAS MEDIDAS DO GOVERNO
Positiva
Negativa

POSICIONAMENTO POLÍTICO
POSICIONAMENTO POLÍTICO EM ESCALA (0-esquerda; 10-direita)
2
3
4
5
6
7
9
POSICIONAMENTO POLÍTICO, A EXPLICAÇÃO
As propostas e os valores de direita
Fundação da democracia após 25 de Abril
Maior desenvolvimento do país
Contra o PCP
Defesa da Liberdade
Direitos dos Imigrantes
Direitos dos trabalhadores
Há uma oposição geral anti-Chega / extrema-direita
Falta de competência / ética de trabalho
Ambiguidade face a partidos
Anti-imigração
Necessidade de mais autoritarismo
Descredibilidade da classe política / Antissistema
Amor ao país (nacionalismo)
Anti-esquerda
Igualdade de género
Religião
Carisma de líder
Estado Social - Direitos básicos vs sentimento de injustiça
Anti-extremos políticos
SITUAÇÃO ATUAL DO PAÍS
PRINCIPAIS PROBLEMAS ATUAIS DO PAÍS
Justiça
Situação dos trabalhadores/salários
Corrupção
Falta de agenda comum interpartidária
Justiça
Falta de investimento/investimentos mal planeados
Insegurança
Descredibilidade dos políticos (antissistema)
Habitação
Educação
Imigração
Saúde
Impostos
Rendimento
POSICIONAMENTO POR TEMAS
IMIGRAÇÃO: POSICIONAMENTO
Favorável (condicionado)
Neutro *(Esta categoria acabou por não ser utilizada na codificação)
Desfavorável
IMIGRAÇÃO: TEMAS ASSOCIADOS
Receber imigrantes é uma questão de solidariedade
Problemas de segurança social
Problemas de transportes públicos
Direitos das mulheres
Diferenças culturais/necessidade de integração
Intolerância a uma religião diferente
Criação de condições
Insegurança
Problemas de Habitação
Problemas de Educação
Problemas de Saúde
Subsídiodependentes
Trabalhadores / sérios / competentes
Legalidade / Necessidade de Regulamentação
Portugal é um país de emigrantes

SAÚDE: POSICIONAMENTO
Favorável
Neutro
Desfavorável
SAÚDE: TEMAS ASSOCIADOS
Importância de preservar o SNS
Desvalorização da classe médica/enfermeiras/os em Portugal
Falta de investimento
Falta de médicos no SNS
Falta de confiança no SNS / Má gestão
Preferência pelo setor privado
Parcerias publico-privadas
EDUCAÇÃO: POSICIONAMENTO
Favorável
Neutro
Desfavorável
EDUCAÇÃO: TEMAS ASSOCIADOS
A favor de ensino público
Dificuldades de integração
Contra as greves dos professores
A favor do ensino privado
Falta de investimento
Qualidade do ensino / modernização
Não reconhecimento da categoria de professor
Sistema de colocação de professores e condições
HABITAÇÃO: POSICIONAMENTO
Favorável *(Esta categoria acabou por não ser utilizada na codificação)
Neutro *(Esta categoria acabou por não ser utilizada na codificação)
Desfavorável
HABITAÇÃO: TEMAS ASSOCIADOS
A independência dos jovens
Rendas elevadas
Políticas de habitação
Imigração
Falta de casas
Preço de compra das casas elevado
Falta de fiscalização
Aluguer sem condições
VACINAÇÃO: POSICIONAMNETO
A favor
A favor mas contra vacina Covid
Totalmente contra *(Esta categoria acabou por não ser utilizada na codificação)
MULHERES: POSICIONAMENTO
Favorável
Neutro *(Esta categoria acabou por não ser utilizada na codificação)
Desfavorável
MULHERES: TEMAS ASSOCIADOS
Violência no namoro
Violência doméstica
Liberdade de expressão
Educação
Interrupção Voluntária da Gravidez
Existência de quotas
Diferenças salariais
Esforço na demonstração de competências
Áreas de atividade masculinizadas
Maternidade e amamentação - direitos da mãe
Parentalidade do pai - direitos do pai
GÉNERO: POSICIONAMENTO
Favorável
Neutro *(Esta categoria acabou por não ser utilizada na codificação)
Desfavorável
GÉNERO: TEMAS ASSOCIADOS
Casamento
Adoção de crianças
Marchas LGBTQIA+ (Pride Parades)

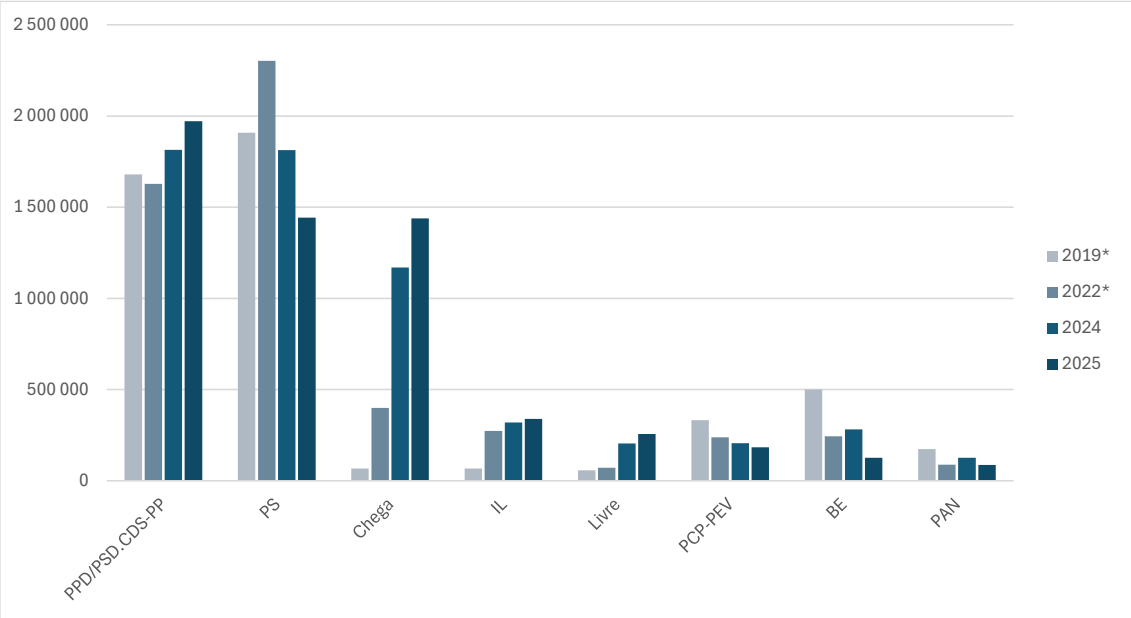
INFORMAÇÃO E DEMOCRACIA	
DEMOCRACIA	
	Um pilar - melhor sistema
	Desvirtualização dos valores democráticos
	Respeito pelas diferentes posições políticas
	Medo de perder a democracia
	Importância de se conhecer a nossa História
	Liberdade de expressão
INFORMAÇÃO E MEDIA - UTILIZAÇÃO	
	Estudos científicos / entidades credíveis
	Redes sociais - de forma aleatória
	Redes Sociais - de forma direcionada (notícias partilhadas por amigos)
	Rádio
	Televisão
	Jornais tradicionais (papel, online, redes sociais)
	Digitais (partidos / personalidades políticas)
CREDIBILIDADE DOS MEDIA	
	Fragilidade das fontes/dados
	Enviesamento de comentários/influência de opinião

O voto visto de fora: posições e oposições

Tal como tem acontecido no panorama internacional, nomeadamente na Europa, os resultados das eleições legislativas em Portugal têm vindo a fazer notar um decréscimo dos votos em partidos de esquerda e de centro por oposição ao crescimento dos votos em partidos de direita, com particular ênfase nos novos partidos de extrema-direita.

Em Portugal, entre as legislativas de 2022 e as de 2025, o PS perdeu cerca de 860 mil votos (-37%), passando de uma maioria absoluta de 2,3 milhões de votantes para 1,4 milhões. No mesmo período, o Chega conseguiu mais de 1 milhão de votos adicionais, com um crescimento de 260%. Mas se atentarmos às legislativas anteriores (de 2019), em que o partido Chega parte de uma mesma ordem de grandeza de votantes que a IL ou o Livre (entre os 57 mil e os 67 mil votos), não poderá passar despercebido o enorme crescimento que a extrema-direita teve no panorama nacional de 2019 a 2025 (+2020%). A IL e o Livre também apresentaram crescimentos bastante acentuados neste período, com mais 271 mil (+400%) e 200 mil votos (+350%), respetivamente, no entanto, longe de se acercarem do PS ou do PPD-PSD/AD, que até 2022 conseguiam no seu conjunto a maioria parlamentar.

Gráfico 1 - Evolução do número de eleitores dos principais partidos políticos em Portugal, Legislativas 2019 a 2025

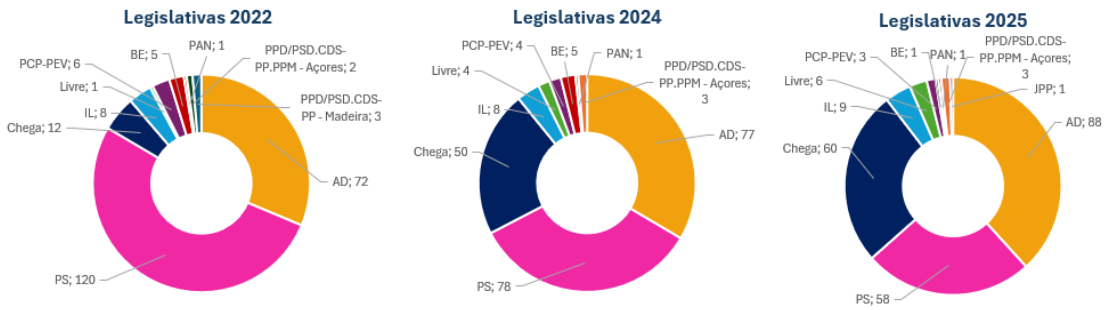


*Em 2019 e 2022, o PPD-PSD e CDS-PP não concorreram em coligação, ainda que o gráfico apresente a soma dos votos de ambos os partidos nestes anos.

Fonte: https://www.eleicoes.mai.gov.pt/

Como podemos observar na figura abaixo, a evolução dos mandatos eleitos pelo PS nas legislativas de 2025 foram menos de metade dos que haviam sido eleitos nas legislativas de 2022. Por oposição, a AD (nas legislativas de 2022 apenas como PPD-PSD), passou de 72 para 88 deputados. Entre 2022 e 2025, o Chega passa de 12 para 60 deputados, situando-se como o segundo partido com mais mandatos no parlamento.

Gráfico 2 - Evolução do número de mandatos por partido político em Portugal, Legislativas 2019 a 2025



Fonte: https://www.eleicoes.mai.gov.pt/

Este é o atual panorama legislativo nacional, cujas recentes eleições presidenciais de 2026 vêm reconfirmar, com André Ventura, o líder do partido Chega, a alcançar 33,18% dos votos (SGMAI, 2026).

São vários os fatores, de diferentes escalas, que podem contribuir para explicar esta adesão a um partido de extrema-direita, e uma consequente mudança eleitoral e um aumento de volatilidade do voto, de forma mais sistémica. Esta mudança ocorre apesar da ainda recente História mundial e nacional, marcada por regimes ditatoriais e consequentes conflitos e guerras globais, e atropelos ao direito internacional e aos direitos humanos. Uma das vias explicativas concentra-se nas características sociodemográficas dos eleitores e como se conjugam em perfis partidários particulares. Adota-se, no entanto, muitas vezes, uma lógica univariada e dependente, onde uma única e determinada característica sociodemográfica é entendida, de cada vez, como mais propensa ao voto no Chega. Nesta investigação, pelo contrário, procurou-se evitar isolar ou destacar características sociodemográficas a solo, procurando-se, sim, identificar associações privilegiadas de várias características sociodemográficas que se relacionam, por sua vez, a votos na direita e mais especificamente no Chega.

1. Eleitores em Portugal

Uma primeira análise passa por conhecer os eleitores portugueses, como um todo. Só assim é possível, de seguida, destacar as especificidades. Para esta análise quantitativa dos perfis dos eleitores em Portugal, recorreu-se à base de dados disponível mais recente do European Social Survey (ESS11-2023). Numa primeira etapa, para o total de 1373 inquiridos, foi feita a análise da amostra por escalões etários, tendo para o efeito sido excluídos os indivíduos com idade inferior a 18 anos e, portanto, não elegíveis para o exercício do voto. Por outro lado, tendo sido aplicado o ponderador *pspwght*, conforme recomendações metodológicas da equipa do ESS (Kaminska, 2020), a amostra pode assim ser considerada representativa dos eleitores portugueses.

A amostra considerada é assim composta por 1354 indivíduos, dos quais 53,1% são mulheres. Em termos de escalões etários, 17,8% têm até 30 anos, 31,8% entre 31 e 50 anos, 25,8% entre 51 e 65 anos e 24,6% mais de 65 anos, o que testemunha o conhecido envelhecimento da população portuguesa que, acompanhado de experiência histórica da ditadura, é também mais facilmente acompanhado por baixas qualificações formais e outras formas de desigualdade social com consequências, como veremos, na forma como

a política faz parte da vida dos indivíduos. De facto, desta população acima dos 65 anos, cerca de 62% tem apenas o ensino básico até ao 1º ciclo e apenas 10% tem o ensino superior. O escalão dos 51-65 anos apresenta ainda uma percentagem de 22,6% de indivíduos apenas com o 1º ciclo do ensino básico, mas nos restantes escalões etários esta é já uma situação bastante residual ou inexistente. Ainda assim, no total da amostra, mais de um quinto dos indivíduos têm apenas a escolaridade até ao 1º ciclo do ensino básico (21,6%). O nível de escolaridade até ao ensino secundário é, ainda assim, aquele que predomina, englobando mais de um quarto dos indivíduos (26,6%). Neste caso, pela própria condicionante da idade, o escalão etário 18-30 é aquele em que a proporção de pessoas com esta escolaridade é maior (51,1%), seguido do escalão 31-50 (32,1%) e decrescendo em função do aumento do escalão etário. Por seu turno, é o escalão entre os 31 e os 50 anos que concentra o número mais elevado de indivíduos com escolaridade ao nível do ensino superior (36,4%), seguido do escalão 18-30, com 24,5%, o que não é surpreendente dado o tempo individual necessário para o prosseguimento de estudos superiores, e o contexto social já propício aos mesmos, pela democratização e aumento do acesso ao ensino superior.

Tabela 3 - Caracterização da amostra do ESS11-2023 para a população portuguesa >18 anos, em função do sexo, nível de escolaridade e por escalão etário

		Escalões etários									
		18-30		**31-50**		**51-65**		**>65**		**Total**	
		N	%	N	%	N	%	N	%	**N**	**%**
Sexo	Homem	128	53,2	200	46,3	145	41,4	162	48,7	**634**	**46,9**
	Mulher	113	46,8	231	53,7	204	58,6	171	51,3	**719**	**53,1**
	Total	**241**	**100,0**	**431**	**100,0**	**349**	**100,0**	**333**	**100,0**	**1 354**	**100,0**
Nível de escolaridade	Até 1º ciclo EB	0	0,0	8	1,9	79	22,6	206	61,9	**293**	**21,6**
	2º ciclo EB	16	6,7	35	8,1	60	17,1	33	10,0	**144**	**10,6**
	3º ciclo EB	43	18,0	93	21,5	79	22,7	30	9,0	**245**	**18,1**
	Ens. Secundário	123	51,1	139	32,1	68	19,5	30	9,0	**360**	**26,6**
	Ens. Superior	58	24,2	157	36,4	63	18,1	34	10,1	**312**	**23,1**
	Total	**241**	**100,0**	**431**	**100,0**	**349**	**100,0**	**333**	**100,0**	**1 354**	**100,0**
% por escalões etários		241	**17,8**	431	**31,8**	349	**25,8**	333	**24,6**	**1 354**	**100,0**

Fonte: European Social Survey (ESS11-2023)

Relativamente à caracterização do comportamento político, podemos constatar que, à data do inquérito ESS11, em 2023, existia um relativo equilíbrio entre os diferentes posicionamentos políticos dos indivíduos, com 33,4% a posicionar-se à esquerda (0-4), 35,9% ao Centro (5) e a direita com uma percentagem relativamente inferior, de 30,7% (6-10). No que se refere aos partidos em que haviam votado nas eleições nacionais anteriores (as de 2022), as percentagens por partido, à exceção do PS e do PPD/PSD, e

da IL e do PS em menor escala, estas refletem de forma bastante próxima o resultado das próprias eleições. De entre os que responderam a esta questão, 47,4% votou no PS, 23,8% no PPD/PSD, 7,3% no Chega, 5,5% no Bloco de Esquerda, 4,1% no PCP-PEV-CDU e 3,3% na IL, perfazendo estes seis partidos 91,3% do total de votos indicados pelos inquiridos. Ainda que apenas 26,7% das respostas tenham indicado que não tinham votado nas últimas eleições (além dos 7,8% dos inquiridos que não responderam se votaram ou não), 47,9% dos inquiridos não respondeu à questão sobre o partido em que votou.

Tabela 4 - Tabela comparativa entre os votos dos indivíduos da amostra nas eleições legislativas de 2022 e os resultados reais das eleições

Partido	**% votantes amostra**	**% votos eleições**	**Δ %**
PS	47,4	41,4	-6,0
PPD/PSD	23,8	27,7	3,9
Chega	7,3	7,2	-0,1
BE	5,5	4,4	-1,1
PCP-PEV	4,1	4,3	0,2
IL	3,3	4,9	1,6
Livre	1,5	1,3	-0,2
PAN	1,1	1,6	0,5

Fonte: Tabela produzida com recurso a informação extraída de https://www.eleicoes.mai.gov.pt/

Quando atentamos à maior proximidade dos indivíduos por um partido, verificamos que já se notava em 2023 algumas mudanças relativamente à tendência do voto. Nesta altura, apesar de apenas 7,3% dos indivíduos que votaram terem respondido que votaram no Chega, 15,6% menciona que o partido de que se sente mais próximo/a é o Chega.

Ora se colocarmos a lente exatamente nestas pessoas que afirmam identificar-se mais com o Chega do que com outro partido e compararmos com o voto exercido em 2022, verificamos que 39% refere que não se aplica (eventualmente por se terem abstido), 4% recusou responder e apenas 57% respondeu ao partido em que votou nas eleições de 2022. Destes, 35,3% tinham votado no Chega, 8% tinham votado PPD/PSD, 6,8% no PS, 2,6% no PCP-PEV-CDU, 1,8% no ADN, 1,1% no Livre e 1% no Bloco de Esquerda. Estas respostas permitem-nos compreender de alguma forma que, ainda que a maior parte dos votos no Chega possam provir dos dois grandes partidos PS e PPD/PSD, como seria expectável pela sua dimensão, a latência de uma mudança de voto para o Chega

proveniente de votantes de pequenos partidos dos mais dispersos espetros políticos é também ela uma realidade.

Destes simpatizantes do Chega, 62% são homens, 75% com idade até aos 50 anos (34,4% no escalão 18-30 e 40,6% no escalão 31-50). Em termos de escolaridade, 54,9% têm escolaridade até ao ensino básico, 36,8% ensino secundário e apenas 8,3% tem formação no ensino superior.

De um modo geral, os inquiridos apresentam um fraco interesse por política, com 31,9% a afirmar que não está interessado de todo e 30,1% pouco interessado. Apenas 12,6% se afirmam muito interessados e 25,4% moderadamente interessados. Quando questionados se se sentem mais próximos de um partido em particular do que de todos os outros, 51% responde que sim, mas depois, quando se avalia a intensidade dessa proximidade, apenas 8,1% se afirma muito próximo, mostrando a volatilidade dessa preferência. Dos restantes, 33% são razoavelmente próximos de um partido, 50,3% não são próximos e 8,5% não são próximos de todo. Este fraco vínculo partidário e proximidade sentida serve como justificação para a facilidade em votar em partidos novos (e populistas) e a percentagem de indecisos até às vésperas das eleições, aspetos esses que beneficiam partidos como o Chega.

Tabela 5 – Comportamento político dos indivíduos

Variável	Categorias	n	%
Posicionamento esquerda-direita (0-10)	Esquerda	34	3,1
	1	29	2,6
	2	62	5,5
	3	113	10,1
	4	134	12,0
	5	400	35,9
	6	80	7,1
	7	91	8,1
	8	101	9,1
	9	39	3,5
	Direita	31	2,8
	Total	**1 115**	**100**
Partido votado nas últimas eleições nacionais	PS	339	47,4
	PPD/PSD	170	23,8
	CHEGA	52	7,3
	B.E.	39	5,5
	PCP-PEV-CDU	29	4,1
	IL	23	3,3
	LIVRE	11	1,5
	PAN	8	1,1
	CDS-PP	6	0,8
	PCTP/MRPP	2	0,2
	ADN	2	0,2
	MAS	1	0,2
	Volt	1	0,1
	MPT	0	0,1
	Nós.Cidadãos	0	0,1
	Votou em branco/ nulo	31	4,4
	Total	**715**	**100**
Quão interessado/a em política?	Muito interessado/a	173	12,6
	Moderadamente interessado/a	348	25,4
	Pouco interessado/a	413	30,1
	Não interessado/a de todo	438	31,9
	Total	**1 372**	**100**
Votou nas últimas eleições nacionais?	Sim	928	73,3
	Não	337	26,7
	Total	**1 266**	**100**
Sente-se mais próximo/a de um partido em particular do que de todos os outros?	Sim	692	51,0
	Não	665	49,0
	Total	**1 357**	**100**
Quão próximo/a de um partido?	Muito próximo/a	49	8,1
	Razoavelmente próximo/a	201	33,0
	Não próximo/a	306	50,3
	Não próximo/a de todo	52	8,5
	Total	**609**	**100**
De que partido se sente mais próximo/a?	PS	249	40,8
	PPD/PSD	151	24,8
	CHEGA	95	15,6
	PCP	33	5,3
	B.E.	32	5,3
	IL	21	3,4
	LIVRE	13	2,1
	PAN	10	1,6
	CDS-PP	4	0,6
	PCTP/MRPP	2	0,4
	Volt	1	0,1
	MPT	0	0,1
	Total	**610**	**100**

Fonte: European Social Survey (ESS11-2023)

2. Perfis político-partidários

Por forma a identificar perfis político-partidários a partir dos dados do ESS11, foi realizada uma Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) para, através da representação gráfica num plano bidimensional das categorias das variáveis de *input*, poder analisar possíveis associações privilegiadas entre estas. Além disso, as variáveis descritivas do comportamento político e sentido de voto dos indivíduos, analisadas no ponto anterior, trata-se de variáveis categorizadas e, como tal, compatíveis com a ACM. Assim, as sete variáveis de *input* consideradas para a ACM foram o posicionamento esquerda-direita, o partido votado nas últimas eleições nacionais (de 2022), quão interessadas as pessoas são por política, se votaram (ou não) nas eleições nacionais anteriores (2019), se as pessoas se sentem mais próximas de um partido em particular do que de todos os outros, quão próximas se sentem de um partido e de que partido se sentem mais próximas.

Após a análise gráfica da inércia do número máximo de dimensões (Rmax = 50), optou-se por utilizar as duas primeiras dimensões, identificadas como conexão com a política e posicionamento político. O critério de seleção das variáveis para cada dimensão foi o das medidas de discriminação acima da inércia da dimensão (complementado pela análise das contribuições de cada variável em cada uma das dimensões consideradas) (tabela 6).

Tabela 6 - Medidas de discriminação e contribuições das variáveis

	Conexão com a Política		Posicionamento Político	
	Discrim.	Contrib (%)	Discrim.	Contrib (%)
Posicionamento esquerda-direita (0-10)	0,283	8,0	0,886	36,1
Quão interessado/a em política?	0,635	18,0	0,011	0,4
Votou nas últimas eleições nacionais?	0,676	19,2	0,006	0,3
Partido votado nas últimas eleições nacionais	0,143	4,1	0,757	30,9
Sente-se mais próximo/a de um partido em particular do que de todos os outros?	1,234	35,0	0,001	0,1
Quão próximo/a de um partido?	0,276	7,8	0,006	0,2
De que partido se sente mais próximo/a?	0,276	7,8	0,784	32,0
Inércia	0,503		0,350	
% variância explicada	6,6		4,6	

Fonte: European Social Survey (ESS11-2023)

De acordo com as variáveis atribuídas a cada uma das duas dimensões, o plano do posicionamento e comportamento político da Análise de Correspondências Múltiplas foi definido segundo dois eixos:

1. A conexão com a política, distinguindo-se pelo interesse pela política, proximidade a um partido específico e o próprio ato de votar (ou não), na dimensão horizontal;
2. O posicionamento político, quer em termos de escala direita esquerda, quer ao nível dos partidos votados ou dos quais os indivíduos se sentem mais próximos, na dimensão vertical.

A análise do plano permitiu identificar associações privilegiadas de categorias, tendo sido identificados três perfis político-partidários. No 1º quadrante, podemos identificar uma associação privilegiada de categorias que engloba os indivíduos que não votaram nas últimas eleições e que assumem ter pouco ou nenhum interesse em política, mas que também não têm posicionamento político definido à esquerda ou à direita (posicionando-se num 5), nem nenhuma proximidade a algum partido em particular. Este perfil foi, portanto, identificado como sendo um perfil sem posicionamento nem interesse político.

No 2º quadrante foi identificado um perfil de posicionamento político-partidário à direita, constituído por simpatizantes de partidos como a IL, Chega, PPD/PSD e CDS-PP e que, de forma coerente, se identificam com um posicionamento político entre o 6 e o 10 (o que ainda assim é de uma grande amplitude no espectro político possível à direita). Em termos de voto, trata-se de eleitores da IL, Chega, PPD/PSD, CDP-PP, Nós Cidadãos, ADN. Os votantes do MAS encontram-se posicionados no plano muito próximos deste perfil, no entanto, em termos ideológicos não faz muito sentido a sua interpretação neste perfil.

Estes dois perfis são os que se apresentam mais coesos, por oposição ao terceiro perfil identificado, o perfil de posicionamento à esquerda, o qual revela uma maior dispersão e fluidez. Tal conclusão é em si também relevadora da dispersão de votos à esquerda, testemunhando como esta engloba diferentes tradições, conservadorismos e posicionamentos ideológicos, diplomáticos, ecológicos e militares. À esquerda desunida

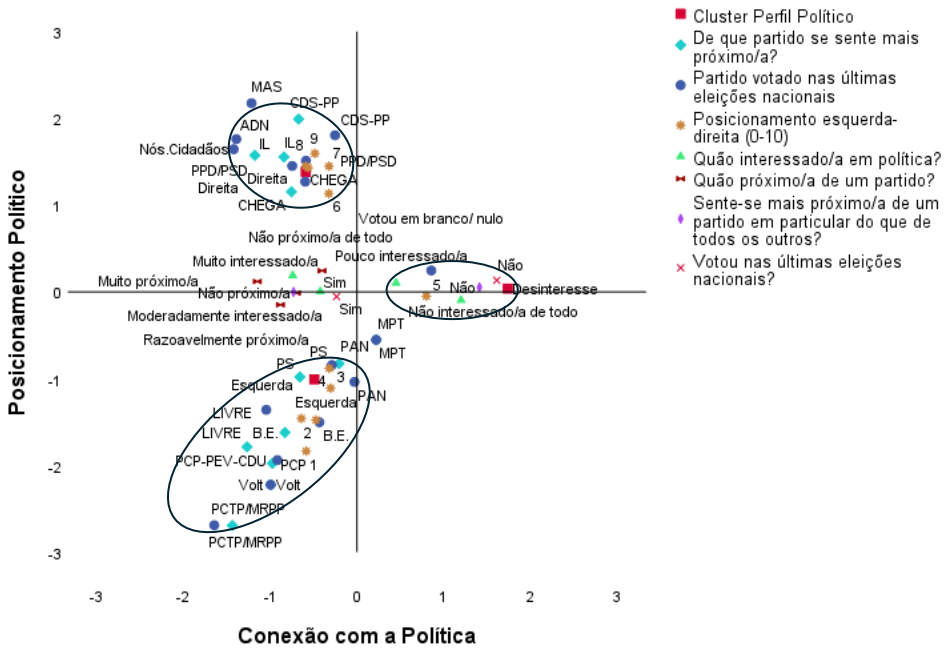
corresponde, no plano, um perfil pouco homogéneo e coeso, por comparação aos restantes.

No perfil político-partidário à esquerda, situado no 3º quadrante, encontram-se os indivíduos de categorias com um posicionamento político entre 0 e 4 e simpatizantes de partidos como o PS, Livre, PAN, PCP, PCTP-MRPP, BE e Volt. Tal como o perfil de direita, o perfil de esquerda apresenta-se com posicionamento similar na dimensão da conexão política (do lado esquerdo do plano), no entanto, estes dois perfis opõem-se na dimensão que respeita ao posicionamento político. O perfil de esquerda inclui os eleitores do Livre, PAN, BE, PCTP/MRPP e PCP-PEV-CDU e do PS.

Para validação dos perfis político-partidários identificados no plano das categorias, foi realizada uma análise de clusters, considerando como variáveis de *input* os *scores* dos objetos da ACM e solicitada uma solução para três grupos – dado que foram identificados previamente três perfis político-partidários. Para a validação destes perfis político-partidários foi feita a projeção dos três clusters no plano da ACM, mantendo como variáveis ativas as que foram consideradas para identificar os perfis e como variável suplementar a nova variável de "Cluster". Como se pode constatar no plano dos objetos resultante do processo descrito (e apresentado na figura abaixo), os três clusters correspondem e validam os três perfis. Desta forma, foi possível associar cada um dos clusters aos perfis de posicionamento político-partidário, e atribuídas as categorias da nova variável "Cluster Perfil Político" de acordo com a sua correspondência aos perfis da ACM, tendo sido nomeadas "Direita", "Desinteresse" e Esquerda" (Figura 1).

.

Figura 1 - Plano do posicionamento e comportamento político (Análise de Correspondências Múltiplas)



As categorias relativas aos indivíduos muito interessados e moderadamente interessados em política não são diferenciadoras em termos de posicionamento político e acabam por ser transversais ao posicionamento à direita e à esquerda.

Com exceção da categoria em que as pessoas afirmam não ter proximidade a um partido em particular (contemplada no perfil das pessoas sem posicionamento ou interesse político), também as categorias dos indivíduos que se sentem muito próximos, razoavelmente próximos ou simplesmente próximos de um partido em particular, ou que não se sentem próximos de todo ou simplesmente não se sentem próximos,, não são diferenciadoras de um posicionamento político, estando equidistantes da esquerda e da direita.

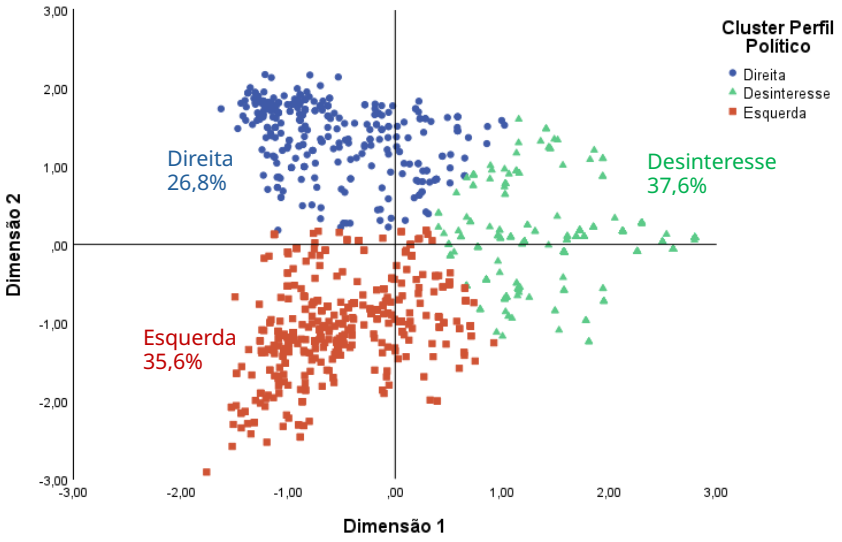
A categoria das pessoas que votaram nas últimas eleições nacionais, pela sua proximidade à origem, não é diferenciadora em nenhuma das dimensões.

A simpatia pelo ou voto no Partido da Terra (MPT) constituem categorias transversais ao perfil do desinteresse político, que não demonstram grande conexão nem interesse político, e ao posicionamento mais à esquerda (pelo que não estão incluídos em nenhum perfil).

Como se pode ainda observar no plano dos objetos (figura 2), a maior concentração no perfil da direita não é no Chega mas sim nos outros partidos de direita

(PPD/PSD e CDS-PP). A esquerda, por seu lado, tem uma grande concentração nos partidos de esquerda com presença parlamentar (à data). Além disso, não é apenas a esquerda, e a direita, que se aproximam do desinteresse, a fronteira entre esquerda e direita não é mediada pelo desinteresse, mas é direta, insinuando a transferência direta de votos.

Figura 2 - Disposição dos eleitores (objetos) segundo o cluster político a que pertencem



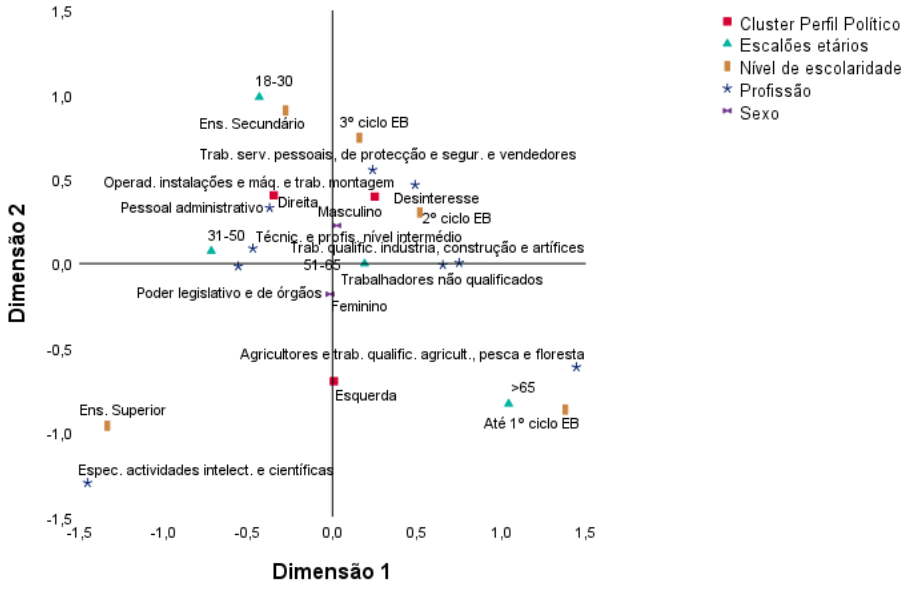
Em termos de distribuição dos indivíduos da amostra de acordo com os perfis políticos identificados, constata-se que 368 inquiridos são de direita (26,8%), 489 são de esquerda (35,6%) e a percentagem mais elevada, 37,6%, correspondendo a 516 inquiridos refere-se às pessoas que não se interessam por política e não têm um posicionamento definido. A prevalência deste grupo e o seu potencial enquanto novo eleitorado do Chega é parte do que justifica o populismo, desinformação e agressividade das campanhas do Chega.

3. Perfis e caracterização sociodemográfica dos perfis político-partidários

Tendo-se obtido uma variável, composta e simplificada, que é constituída por várias informações referentes ao posicionamento político e às opções de voto, procedeu-se a uma segunda ACM para identificar e visualizar as associações privilegiadas entre características sociodemográficas, como o sexo, o nível de escolaridade, o grupo profissional, e a nova variável de perfil político (todas estruturantes do plano, como variáveis ativas).

O plano das categorias, apresentado na figura abaixo, não nos permite observar associações privilegiadas claras entre as categorias das variáveis ativas projetadas. Tal, sendo em si mesmo uma conclusão, não nos impede de observar algumas linhas orientadoras.

Figura 3 - Plano socio-demográfico-político (Análise de Correspondências Múltiplas)



Se, por um lado, não é possível identificar associações privilegiadas claras entre as categorias sociodemográficas e os perfis políticos, por outro, podemos constatar a oposição entre os perfis políticos de direita e do desinteresse face ao perfil de esquerda.

O perfil de esquerda apresenta uma polarização entre indivíduos numa faixa etária acima dos 65 anos, com escolaridade até ao 1º ciclo do ensino básico e com profissões na agricultura ou em trabalhos qualificados da agricultura, pesca e floresta e indivíduos com escolaridade ao nível do ensino superior e profissionais especialistas em atividades intelectuais e científicas. A heterogeneidade e pluralidade da esquerda, em número e natureza dos partidos, em posicionamentos ideológico-europeístas-ecológicos, e em características sociais, parece diminuir a sua coerência interna e capacidade de atração de novos votantes.

Já os perfis de direita e de desinteresse, abrangendo uma ampla arena da população ativa e classe média, apresentam uma proximidade no espaço político nacional, podendo indiciar uma maior volatilidade entre o desinteresse, a indiferença, e um voto à direita.

Para se conhecer com mais detalhe a relação das características sociodemográficas com os 3 perfis políticos identificados, foi efetuada uma análise bivariada, de cruzamento do posicionamento político com as mesmas. Verifica-se que a direita é tendencialmente mais masculina (58,7%), as mulheres são mais desinteressadas da política (58,1%) e, quando se interessam, têm maior tendência para ser de esquerda (56,8%).

Atentando à distribuição dos perfis por grupos etários, podemos constatar que a faixa etária mais predominante no posicionamento à direita ou nos desinteressados é a dos 31-50 anos, com 38% e 30%, respetivamente, de forma condizente com o grupo etário de maior percentagem de eleitores da amostra (31,8%). No caso dos desinteressados, a faixa dos 51-65 tem uma representatividade relativamente próxima do escalão dos 31-50 (com 25,2%). Por outro lado, o perfil de direita é, dos três perfis, o que apresenta menor representatividade no escalão dos 51-65 (23%), mas, acima de tudo, no escalão dos mais de 65 anos (16,6%). Estas características posicionam-no como o perfil mais jovem. Por oposição, os eleitores com perfil de esquerda apresentam um perfil mais envelhecido. A faixa etária predominante é a dos indivíduos com mais de 65 anos (32,2%). Além disso, no grupo etário mais jovem, com uma representatividade de 17,8% na globalidade da amostra, de 22,4% na direita e de 21,7% nos desinteressados, no caso da esquerda, esta representatividade é de apenas 10,4%.

Entre os eleitores de direita, e também nos desinteressados, o nível de escolaridade predominante está ao nível do ensino secundário, com um peso de 32,7% na direita e de 26,7% nos desinteressados. No caso dos desinteressados, o grupo seguinte de maior incidência é o do 3º ciclo do ensino básico (24,3%) e no perfil de direita é o do ensino superior (24,1%). Este facto denota uma tendência para um menor nível de escolarização nos desinteressados relativamente ao perfil de direita.

Confirmando a polarização de características sociodemográficas já antecipadas com a análise do gráfico da ACM, constata-se que os grupos de maior incidência no perfil de esquerda são os de escolaridade ao nível do ensino superior (29,9%) e ao nível do 1º ciclo do ensino básico (27,2%), sendo uma esquerda que, consoante o partido, chega a diferentes polos sociais.

Podemos ainda observar que os grupos profissionais predominantes à direita são os de serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores (19,4%), seguidos dos especialistas de atividades intelectuais e científicas (15,4%), percentagens estas que estão

muito em linha com as que apresenta a totalidade da amostra para estas profissões (19,6% e 15,6%, respetivamente).

Reflexo também do nível de escolaridade mais baixo já observado acima, os desinteressados trabalham também com maior frequência nos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores (22,3%), mas, neste caso, seguem-se-lhe as profissões de operadores de instalações e máquinas e trabalhos de montagem (16,7%).

Confirmando uma vez mais o perfil de oposição aos anteriores, os eleitores de esquerda são predominantemente trabalhadores especialistas de atividades intelectuais e científicas (21,5%), seguindo-se-lhe então os trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores (17,2%).

Em suma, podemos caracterizar os três perfis em termos de características sociodemográficas prevalentes conforme as seguintes linhas gerais:

i. Perfil de direita – Maioritariamente no grupo etário dos 31-50, mas com o maior peso relativo no escalão mais jovem (18-30 anos), com ensino secundário ou superior, a trabalhar em serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores ou em atividades intelectuais e científicas.
ii. Perfil desinteressado (ou de indiferença) – No grupo etário entre os 31-65, com ensino secundário ou ao nível do 3º ciclo do ensino básico e a trabalhar nos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores e como operadores de instalações e máquinas e trabalhos de montagem.
iii. Perfil de esquerda – com maior incidência de indivíduos acima dos 65 anos e muito fraca incidência de jovens até aos 30 anos, com escolaridades muito polarizadas entre o ensino superior e o 1º ciclo do ensino básico, e, consequentemente, a trabalhar predominantemente em atividades intelectuais e científicas ou em serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores.

O voto visto de dentro: trajetória e agência

Mais do que a mera caracterização sociodemográfica, para a compreensão de perfis de votantes do Chega, pretende-se incluir também que trajetórias de vida política, memórias, *habitus*, emoções e contextos situacionais específicos, levam as pessoas a votar num determinado partido, nomeadamente no Chega. Para a compreensão de cada voto e aquilo que os diferencia à escala individual, foi necessária uma abordagem qualitativa e, neste caso, uma que pudesse proporcionar ao individuo espaço para contar e explicar como a sua trajetória de vida e o seu comportamento político se entrelaçam. Foram, por isso, realizadas entrevistas com guião semi-diretivo a um grupo de 10 pessoas, amostra essa cuja composição espelha preocupações de diversidade social, comparabilidade e alguma sobre-representação de votantes no Chega.

As entrevistas foram sujeitas a análise de conteúdo temática, que seguiu dois eixos transversais. Por um lado, o eixo longitudinal, baseado na ideia de socialização política, e na necessidade de compreender o voto como a expressão de uma posição política que não é criada a partir apenas do contexto social e político atual, mas construída socialmente ao longo do tempo, a partir das condições objetivas, mas também subjetivas de vida, desde a infância, família, e contexto social de origem. Por outro lado, o eixo comparativo, baseado na necessidade de analisar os votantes do Chega por relação a outros, evitando uma análise isolada incapaz de verdadeiramente captar a singularidade dos mesmos.

Antes de avançar propriamente com a análise, apresenta-se de seguida uma breve caracterização dos entrevistados e entrevistadas deste estudo, tendo-se naturalmente em consideração que os nomes apresentados são sempre nomes atribuídos de forma fictícia, apresentados apenas para facilitar o discurso de referência a cada um, mantendo a sua humanização ao longo da análise (tabela 7).

Tabela 7 - A amostra de entrevistados/as, incluindo nome fictício atribuído, sexo e nível de escolaridade

Entrevistado/a	Idade	Sexo	Nível de escolaridade	Último Voto
Gustavo Guerra	18	Homem	Secundário (12º ano)	Chega
Nelson Guedes	24	Homem	Secundário (12º ano)	Chega
Carolina Mota	28	Mulher	Ensino superior	Chega
Bernardo Dias	45	Homem	3 ciclo (9º ano)	PS
Nuno Carvalho	45	Homem	Secundário (12º ano)	Chega
Patrícia Fialho	50	Mulher	Ensino superior	AD
Filipa Mendes	58	Mulher	Secundário (12º ano)	AD
Flor Costa	60	Mulher	Ensino superior	PS
Jorge Caldeira	74	Homem	Ensino superior	BE
Mauro Pires	81	Homem	3 ciclo (9º ano)	Chega

1. O lugar da política

Para a compreensão da relação dos indivíduos com a política e do lugar que esta ocupa nas suas vidas, é importante começar por perceber, na trajetória de vida dos indivíduos, de que forma é que o próprio contexto familiar e económico-social em que cresceram foram influenciados por temas políticos. Nesta perspetiva, começamos por fazer um enquadramento socioeconómico da família de origem, por tentar perceber de que forma as conversas políticas eram uma presença mais ou menos frequente nas suas vidas e, como referido, se acontecimentos políticos em particular afetaram as suas vidas e o seu interesse pela política.

Em termos de enquadramento socioeconómico da família de origem, de um modo geral, e pelo próprio contexto histórico do nível de escolaridade em Portugal nas gerações mais velhas, também na amostra de pessoas entrevistadas se constatou um nível de escolaridade dos pais e mães dos/as entrevistados/as essencialmente ao nível do ensino básico. A única exceção a este padrão refere-se exatamente ao entrevistado mais jovem, Gustavo, com apenas 18 anos, votante no Chega, que refere que a sua mãe tem a licenciatura: "Sim, a minha mãe fez... a minha mãe tem a escola básica até ao 12º ano, fez também faculdade. Agora não sei bem no que é, mas acho que foi geografia e está a trabalhar em contabilidade". A forma como responde, revela, no entanto, que o seu interesse pela escola e o diálogo na família sobre trajetórias de educação não fazem parte de um contexto familiar habitual. Mais adiante na conversa, Gustavo afirma que sempre foi um péssimo aluno e como "sempre deu para ir fazendo as coisas, só que há muita coisa

que nós, só nos dá de informação e nós temos de saber obrigatoriamente, não é? Para conseguir fazer a escola, que não fazem sentido".

Quando analisamos os votos da família de origem, a maioria das referências de família, independentemente dos/as entrevistados/as votarem mais à direita ou à esquerda, são do Partido Socialista. Flor Costa e Jorge Caldeira, ambos com juventudes muito politizadas, apresentam dois tipos de atitude distintas relativamente ao comportamento político da sua família de origem. Flor revela orgulho na sua mãe, no seu feminismo e ousadia: "A minha mãe, era uma alentejana mais de esquerda, influenciou-me muito, sim. Quando a minha mãe estava no PS, eu aí nessa altura andava mais próxima do Bloco. Mas lembro-me de me orgulhar de ver a minha mãe nas lides políticas". A referência da mãe não se limitou ao orgulho que sentia por ela, tendo mesmo influenciado numa fase da sua vida o seu voto no PRD: "Foi um partido que na altura tinha surgido, aparecia assim como uma inovação, algo de novo, e porque a minha mãe era militante desse partido, na altura também tinha entrado um bocado, porque ela foi um bocadinho influenciada pelo Ramalho Eanes, que era a cabeça de cartaz desse partido".

Jorge, por outro lado, encontra dentro de casa a opressão da ditadura contra a qual se revolta nas ruas: "O pai era almirante, portanto, era da situação. Dizia-se apolítico porque eles tinham uma espécie de ideologia de que a tropa e os militares eram apolíticos, serviam o Estado, não serviam partidos e tal. Mas era salazarista. E votou no Américo Tomás, isso discuti com ele, lembro-me bem como é que ele tinha votado no Américo Tomás e não tinha votado no Humberto Delgado".

Pela conjuntura da ditadura em que viveram a infância (e juventude no caso do Jorge), pela vivência da revolução do 25 de Abril, pela admiração ou pela luta por valores democráticos, Flor e Jorge viveram uma juventude de lutas políticas, de ativismo e essa vivência traduz-se de forma clara quando afirmam o seu posicionamento de esquerda.

Por outro lado, observando alguns dos exemplos dos votos de origem dos jovens votantes do Chega, como o Gustavo e o Nelson, as referências são mais insípidas e desprovidas de luta ou de qualquer carga ideológica. Gustavo refere que "o meu pai não vota", "diz que o voto é ao domingo e, então, não vota". Já Nelson, descreve o modelo de voto dos pais da seguinte forma: "o que eles me dizem é que votam no último, acredito que seja no candidato menos conhecido que nunca ouçam falar, que eles votem", "no último da lista é o que eles votam".

De um modo geral, os entrevistados referem mais as conversas de política entre amigos do que no seio da sua família de origem, ainda assim, constatamos que os/as

entrevistados/as não votantes no Chega conversavam e discutiam muito mais política no seio da sua família e com amigos do que os votantes no Chega.

Gustavo refere que "em casa nunca se falou muito de política, porque cá em casa dizem que também é tudo e se vai para lá e é tudo igual". Já Nuno Carvalho (eleitor do Chega), começa por dizer que nunca se falava de política em casa, para depois refletir que "a minha mãe gostava muito do PS". E Nelson remete as conversas políticas em família para o desapontamento dos pais com a política: "já não têm esperança que vá para lá alguém que faça alguma coisa melhor para o país (…) lá está, foram 50 anos do mesmo". No entanto, Carolina Mota, jovem de 28 anos militante do Chega, contraria esta tendência e reflete o quanto essas mesmas conversas a ensinaram a refletir sobre política: "éramos todos de cores políticas diferentes, mas isso nunca nos divergiu, até porque acabava por ser interessante eu ouvir, ainda quando não tinha idade para votar, as opiniões deles e ver o que é que eles diziam aos outros e porquê, como é que defendiam as ideias deles, porque concordavam e porque discordavam".

Jorge, atualmente eleitor do Bloco de Esquerda, mais do que ter vivido uma socialização política dentro de casa, foi a socialização política com os companheiros da sua luta de estudante revolucionário e contra o regime que o fizeram levar a luta política para dentro casa e a revolta contra um pai que era conivente com o regime ditatorial. Participante em manifestações de estudantes no regime fascista e militante de um partido maoísta na sua juventude, as discussões em casa eram de conflito: "Falei algumas vezes, mas com maus resultados. A minha mãe era dona de casa e, portanto, completamente apolítica. O pai era almirante, portanto, era da situação. (…) ele já tinha desistido de me encaminhar, digamos assim. Eu também já tinha percebido que não o ia convencer de coisa nenhuma. E a coisa era um bocado de fazes o que quiseres, é a tua vida, mas depois arcas com as consequências".

Mas, para Flor, a admiração pela força da mãe "guerreira", inspirava-a, não tanto pelas palavras ditas, mas pelas que não se dizem: "Falava-se em política assim: o meu pai falava e o meu pai era um homem de direita. E a minha mãe calava-se e era uma mulher de esquerda. É muito giro. É uma ternura isso. (…) A minha mãe tinha a sua convicção, mas vivia em silêncio nas suas coisas. Ela tinha uma coisa que eu achava giríssima, que provocava imenso o meu pai, que era cada vez que ia votar, ia de calças vermelhas. "Olha, só para teres a certeza, eu nem sou CDS nem PSD. Eu vou mesmo só para demonstrar…" Ela fazia aquilo no sentido de demonstrar que eu tenho a minha opinião e a minha opinião não é igual à tua".

Nas histórias que partilham das suas vivências, das marcas da política na sua infância, mostram que as gerações mais velhas, como a Flor e o Jorge, com perfil de esquerda e votantes no PS e no Bloco de Esquerda, respetivamente, são histórias plenas de luta, de ideologia, de fortes convicções e de memórias fortes. Já Mauro, votante no Chega, de uma geração que também viveu a sua infância e juventude durante o regime de Salazar, em relação à política, diz que "Nunca me interessou. Se conhecia política? Eu só conheci política depois do 25 de abril".

No entanto, é nas conversas de política com os amigos que se nota uma incidência francamente superior das pessoas que não votam Chega relativamente aos eleitores no Chega. Patrícia Fialho, que trabalha numa empresa municipal, aponta como sendo uma situação mais atual do que do seu passado: "Neste momento não posso negar que o meio onde estou inserida é muito político e, portanto, os nossos almoços ou jantares de convívio entre colegas acabam por ter ali um cariz e o teor das conversas mal ou bem vai sempre acabar na política". Para Jorge, afastado da militância política ativa, menciona as conversas de política com amigos como habituais nos seus convívios na atualidade, mas recorda também o seu passado, em que as conversas com os seus amigos eram mais caladas: "Muitos eram de esquerda. Mas ser de esquerda e ser contra o fascismo e querer que o regime acabasse, isso era muitos. E isso era normal, digamos assim. Outra coisa era a militância ativa, aderir a um partido, ir a reuniões clandestinas, participar em manifestações. Isso era outra coisa. Aí só um ou dois. Daqueles com quem eu me dava e que fizeram o liceu comigo. E fui-os perdendo de vista também."

Flor, feminista, com uma juventude politicamente muito ativa recorda com um brilho no olhar o seu apoio à candidatura de Maria de Lourdes Pintassilgo à presidência da república e a sua vivência com os amigos da altura: "A Maria de Lourdes, o que é que era? Primeiro era uma mulher, depois era uma mulher muito à frente. Eu hoje leio coisas dela e nós hoje estamos a defender aquilo que ela defendia, que na altura achavam que não fazia sentido. Depois, na altura, eu relacionava-me muito com um grupo de pessoas que estava muito próximo dela e estava muito próximo de pessoas que intervinham muito politicamente. Eu lembro-me que eu fui amiga de uma, muito próxima, porque naquela altura vivíamos muito juntos de uma mulher que lutou muito no antigo regime, que foi a Ângela Campos. E a Ângela Campos foi a segunda mulher portuguesa a estar mais anos presa. Nós sabíamos muito pouco da vida dela, tanto que hoje em dia penso que também ainda se sabe muito pouco".

Ao ouvir-se estas histórias de vida da época da ditadura e, depois, do nascimento e primeiros passos da democracia em Portugal, um contexto social muito diferente do atual, poderia existir a tentação de associar uma maior valorização da liberdade de expressão e da democracia à faixa etária que viveu a sua infância e juventude nesta época, mas, ao escutar-se Mauro, eleitor do Chega de 81 anos, este mesmo verbaliza "eu só conheci política depois do vinte e cinco de abril, (…) quem conhecia política eram os gajos ligados ao Partido Comunista" e a primeira vez que votou, em 1975, votou no PS e "foi por uma questão de toda a gente dizia, a gente dizia é que era o socialismo, mas, pronto, e a malta votava…. Se dissessem comunismo, a gente votava."

A socialização política é um processo de aprendizagem informal que os indivíduos experienciam ao longo da sua vida, como consequência das suas interações com a família, os amigos, vizinhos, os seus pares ou colegas, e tem uma forte influência na participação política e identificação partidária dos indivíduos na sua vida adulta. É nos primeiros anos da vida adulta que se adquirem hábitos como o próprio hábito de votar ou de se abster (Neundorf & Smets, 2017).

Assim, também a preexistência de conversas e um ambiente mais politizado na infância, adolescência ou nos primeiros tempos da idade adulta dos/as entrevistados/as representa a influência dessa socialização.

A influência da família, dos amigos, das vivências na juventude tem uma forte influência nas convicções políticas das pessoas de esquerda e essas convicções e ideais têm tanto mais força quanto foram valores e direitos pelos quais tiveram de lutar, como nos mostra o Jorge em relação à liberdade de expressão e à democracia e a Flor, pelo feminismo e também ela convicta dos valores democratas.

Quanto maior a abertura e importância dada à política, seja em que espectro político for, menor a tendência para não se votar, e para se votar na direita. A pouca importância dada à política parece vir acompanhada de desconhecimento intergeracional e processos de história oral muito frágeis no interior da família. Esta conclusão leva indiretamente a apontarmos a importância do voto ser estudado fora da ciência política, que olha para o mesmo como meramente individual, enquanto que a sociologia deteta a constelação relacional que ele transporta.

Aliado a esta conclusão, e porque não se pode interferir nos modelos educativos que ocorrem na esfera privada, há que valorizar as conversas entre jovens. Mas como criar espaços para que estas aconteçam mais? Será para tal importante valorizar e

melhorar as disciplinas de cidadania, promover debates, eleições e práticas participativas nas escolas, incluindo conteúdos sobre desinformação.

2. O peso dos valores

Os valores de família são uma das categorias que mais distinguem os/as entrevistados/as do Chega dos demais. Se quantificarmos o número de segmentos respeitantes a valores de família nas entrevistas, constatamos que, de um total de 79 segmentos, apenas 12 (15%) são de votantes no Chega (os quais constituem 50% da amostra de entrevistas). Assim sendo, enquanto os não votantes do Chega remetem frequentemente as explicações para o seu voto e comportamentos político para a forma como foram educados, educaram ou estão a educar os seus filhos, ou seja, para valores sociais mais profundos que querem ver reproduzidos ou interrompidos, os votantes do Chega não recorrem com a mesma frequência aos mesmos. Independentemente da propaganda anti-50 anos de democracia do líder deste partido, os votantes do Chega ficam-se mais por narrativas do presente.

Na globalidade dos entrevistados, independentemente do perfil político, o respeito é o valor de família que mais é alicerçado no discurso das pessoas (25% do total de segmentos), ainda que com muito maior frequência nos não votantes Chega. O segundo valor mais valorizado pelos entrevistados, a empatia, é também um valor que predomina muito mais nas referências dos não votantes no Chega do que nos que votam Chega. Patrícia, mulher de direita e votante da AD, a propósito da sua relação familiar, refere que "havendo aqui cumplicidade, empatia, respeito pela individualidade de cada um, acho que são estes os valores que nós devemos seguir, tanto em família como em sociedade".

Há ainda valores que, apesar de bastante presentes em algumas pessoas que não são eleitores do Chega, não estão presentes em nenhum dos discursos dos entrevistados que votam Chega, tais como o diálogo, a afetuosidade, a solidariedade, a liberdade de escolha, a igualdade de género e os valores políticos moderados.

Filipa Mendes enfatiza "eu acho que é muito importante o respeito e o diálogo", quando fala da sua relação familiar com o marido e o filho, mas também acrescenta "eu sempre fui muito mimada pelas pessoas, e eu gosto muito de beijinhos, de abracinhos, eu sou assim mesmo de muito afeto". Flor resume os seus valores: "São assim os meus valores de família, a liberdade, a solidariedade e o respeito", mas todo o seu discurso ao longo da entrevista evoca a igualdade de género, como quando diz "eu acho que quando

as mulheres tiverem os mesmos direitos dos homens, passamos a ter uma sociedade mais justa, mais equilibrada, mais tolerante, e depois aí também passamos a ser mais tolerantes com as outras pessoas. Porque nós ainda continuamos assentes no patriarcado, e depois vem tudo por aí a abaixo". E Bernardo lembra a importância do "companheirismo entre o casal" e refere com algum orgulho as tendências políticas da filha: "a minha filha, tem 14 anos, já tem uma ideia e sabe que Chega, não. Chega, aquilo não pode ser. Por isso eu já fico contente com isso!". Patrícia não deixou em mãos alheias os valores da democracia que transmitiu primeiro à filha, com 20 anos, e agora ao filho de 16 anos: "para (…) lhe dar o exemplo, nunca falhámos a ato eleitoral nenhum e ela ia connosco, depois com o irmão também fizemos exatamente a mesma coisa" e, enfatiza ainda que "dos extremos nada de bom vem, basta olhar para a história".

Nuno, militante do Chega, quando questionado sobre os valores que procura passar à sua filha, menciona "uma boa educação, ter regras, saber que há deveres, mas também há direitos, não é? E para ter direitos uma pessoa também tem que ter os deveres". Gustavo, jovem de 18 anos que começou a sua participação eleitoral a dar o seu voto ao Chega, lembra a importância do trabalho "porque se nós não trabalharmos e não fizermos nada pela gente, acho que não vai ser ninguém a fazer".

Os valores políticos não são predisposições internas, mas sim o resultado de influência social, enquanto reflexões individuais desses contextos sociais, sendo alguma da polarização política resultado da homofilia e de interações sociais, e não o inverso (Connors, 2019). No caso dos/as entrevistados/as, podemos de alguma forma inferir uma maior tendência dos eleitores do Chega para valorizarem mais, além do respeito, as "regras" da educação, o trabalho, enfatizando os valores da dureza da vida e deixando num segundo plano os valores mais do coração, da empatia e do afeto. Neste sentido, será a existência desta partilha de valores, ou a ausência deles, ou seja, esta polarização de valores relativamente aos outros votantes que induz à polarização política, e não o seu reverso. Esta conclusão, aliada ao facto de que os valores fundamentais moldam as predisposições políticas subsequentes (Lupton et al., 2020), permitem-nos ainda inferir que uma menor predominância de valores de empatia e afeto possam ser o molde de um potencial eleitor do Chega.

3. A perceção do estado do país

As entrevistas realizadas procuraram relacionar passado (influência mais indireta mesmo que forte na direção do voto) e presente. Para tal, pretendeu-se identificar, face a temas sociais relevantes do país como saúde, educação, habitação, imigração, vacinação, direitos das mulheres e igualdade de género, qual o posicionamento (favorável ou desfavorável) dos/as entrevistados/as, bem como os problemas ou as características que mais eram atribuídas a esses temas.

Neste ponto, será importante referir que, ao nível das dimensões e categorias analíticas (transponíveis para o Maxqda), foram previamente definidas, para cada um dos temas indicados, categorias relativamente a um posicionamento favorável, neutro ou desfavorável. Constatou-se, no entanto, que, em alguns casos, nenhum segmento de entrevista foi atribuído a algumas dessas categorias.

No caso da saúde, independentemente do posicionamento político, a maioria dos entrevistados apresenta uma opinião desfavorável do estado da saúde em Portugal e o principal fator apresentado para esta situação remete para a falta de confiança no Sistema Nacional de Saúde (SNS) e a sua má gestão de recursos.

Os comentários desfavoráveis à saúde em Portugal contemplam ainda a desvalorização da classe médica e do/as enfermeiros/as em Portugal, mas também da própria falta de médicos no SNS e da falta de investimento na saúde pública, opiniões estas que acabam por ser partilhadas pelos entrevistados de diferentes posicionamentos políticos.

As perceções positivas em relação à saúde remetem para as parcerias público-privadas e para melhorias ao nível da gestão, mas, neste caso, elas provêm apenas de eleitores de direita.

Ainda no âmbito da saúde, mas no caso do posicionamento dos/as entrevistados/as relativamente à vacinação, todos/as se apresentaram favoráveis (o que eventualmente não teria sucedido se se tivessem entrevistado votantes de outros partidos como o ADN), diferenciando-se apenas as opiniões no que respeita à vacina do Covid, no entanto, não se pode inferir nenhum tipo de perfil em particular para a desconfiança em relação a esta vacina.

Tal como acontece com a saúde, a educação é também um tema sobre o qual as opiniões são de um modo geral negativas. Filipa reconhece que os professores se

esforçam, mas que não têm as melhores condições e são uma classe profissional injustiçada ("acho que há professores muito fixes, mas acho que o facto deles muitos andarem assim a saltitar de sítio para sítio, acabam por não se agarrar a uma turma"), ponto que Flor também reforça no seu discurso e relembra a perda de alguns privilégios ("há professores que estão muito cansados, porque nós temos aqui uma situação que mudou (…), os professores podiam-se reformar muito cedo. E, com a alteração dessa legislação, veio trazer uma representação de injustiça aos professores e de descontentamento"). Ainda assim, são as duas pessoas mais de esquerda que veem a situação da educação como menos negativa, como acontece com Jorge (eleitor do BE, com 74 anos) que não tem "uma visão global negativa do que é o ensino em Portugal", ou Flor (PS, 60 anos) que reconhece que "tem havido algum investimento na qualidade da educação". Não pode, no entanto, ser apontada aqui uma tendência, pois trata-se de duas pessoas cujos filhos já não estão em idade escolar há alguns anos e, apesar de Jorge ter terminado um doutoramento há pouco tempo e de Flor estar no seu 2º ano de doutoramento, a sua experiência recente é muito específica e já ao nível do 3º ciclo do ensino superior. Quem tem filhos em idade escolar, tem uma maior proximidade à realidade atual da escolaridade de base, apontando fatores da escola pública em que, pela perda de qualidade que apresenta, acaba não por servir objetivos de elevador social, mas sim de um maior contributo para desigualdades sociais. Neste ponto, o comentário de Patrícia (eleitora AD), que aponta a necessidade de ter tido que recorrer a explicadores privados para a sua filha como forma de suprir a falta de qualidade da escola pública, evidencia bem a persistência de desigualdade de oportunidades, mesmo quando os/as alunos/as frequentam um mesmo estabelecimento de ensino público: "A qualidade do ensino no todo, eu acho que está a decair. A minha filha já está, aliás, já acabou a licenciatura, mas teve sempre que recorrer a explicadores para conseguir manter ali um nível mais elevado, na matemática principalmente". Nelson (Chega) remete para a falta de investimento público em geral, incluindo na educação ("A educação é um bocadinho resultado do estado do país. Ou seja, (…) é um país que não tem investimento."), acabando mesmo por explicitar a forma como vê a estratégia de governação e desvalorização da educação: "O tema deles é, dá-se ali uma migalha e eles [os professores] ficam contentes durante uns X anos e só voltam daqui a uns X anos a reclamar e o problema está lá. E o problema é uma bola de neve que vai enrolando e enrolando e depois não vão conseguir controlá-lo, que é o que está a acontecer". Gustavo (Chega) também refere que acha que "a educação está um bocado atrasada" e a

"necessidade de fazer coisas diferentes". Filipa (AD) ressalva a necessidade de cobrir "certas lacunas de formação".

Em relação à habitação, apenas foram identificados segmentos desfavoráveis, revelando consenso pelo menos no diagnóstico da situação habitacional no país. Independentemente das causas atribuídas aos problemas da habitação, a generalidade dos inquiridos aponta como um dos grandes problemas o elevado preço das casas e, quem tem filhos, preocupa-se com o impacto que esta questão tem na própria dificuldade de independência dos jovens e de um início de vida fora de casa dos pais. Jorge Caldeira refere que a sua filha, já licenciada, mas a trabalhar numa loja: "tem uma prestação fixa de 400 euros e pus uma transferência de 400 EUR por mês da minha reforma para a conta dela". Nuno Carvalho, partilha também os seus receios em relação à filha que "está morar em casa do namorado, mas se de um momento para o outro eles tiverem que sair da casa e a minha filha não vai conseguir comprar uma casa aqui porque ela não consegue um empréstimo de 300 000 EUR". Quer Jorge, de 74 anos, doutorado em Serviço Social, homem de esquerda desde sempre e atual eleitor do Bloco de Esquerda, a Nuno, de 45 anos, com o 12º ano e eleitor do Chega, com perfis políticos, trajetórias e idades bastante distintas partilham esta mesma preocupação dos preços da habitação como grande constrangimento para o início de vida dos jovens e, em particular, das suas filhas.

A falta de casas no mercado e as rendas elevadas são também preocupações partilhas pelos entrevistados, nomeadamente os mais jovens, como Nelson Guedes (eleitor Chega) que se questiona "onde é que jovens e até mais idosos vão buscar este dinheiro para sustentar estas rendas?".

No caso da imigração, foram identificados posicionamentos favoráveis e desfavoráveis – mas nenhum de carácter neutro. O mesmo aconteceu relativamente aos direitos das mulheres e à igualdade de género. Esta polarização nestes temas, visível nas entrevistas, coaduna-se com a polarização a nível discursivo, ideológico e legal entre a direita e a esquerda em Portugal. Já depois das entrevistas realizadas, foi aprovada a nova lei da nacionalidade, e revogada a lei de 2018 que estabelecia o direito à autodeterminação da identidade e expressão de género.

As narrativas antifeministas e de género de extrema-direita não estão dissociadas de propósitos etno-nacionalistas/racistas, muito pelo contrário, não podem ser analisados isoladamente. Este interseccionalismo entre as agendas antifeministas e anti-imigração da extrema-direita portuguesa encontra-se presente nos discursos sobre imigração, feminismo e igualdade de género, não só do Chega, mas também do PNR/Ergue. O

femonacionalismo da direita-radical é reorientado para atacar o feminismo, como tendo falhado no objetivo de servir todas as mulheres ao ter optado pela "ideologia de género" (Santos & Roque, 2021). É deste facto exemplo a recente proibição do uso da burka em Portugal, em que os direitos das mulheres são usados para justificar posições racistas e xenófobas e acusando os imigrantes de machismo. Na Europa Ocidental, a abertura de fronteiras tem dado origem ao crescimento dos partidos de extrema-direita. Sendo partidos com uma composição desproporcionalmente masculina, quando estes partidos chegam a lugares parlamentares, a representatividade parlamentar feminina sofre retrocessos. Ainda que sejam as políticas xenófobas que estão no centro das suas mensagens, também defendem a família tradicional e criticam abertamente a emancipação feminina (Dancygier, 2020).

Não será, portanto, de surpreender que este tipo de discurso que articula narrativas anti-imigração e xenófobas surja também nos discursos dos entrevistados do sexo masculino e votantes Chega de forma articulada com discursos femonacionalistas, mostrando o quanto a imigração, mas também a igualdade de género, são alvos fáceis e recorrentes no discurso da extrema-direita.

Da análise das entrevistas, podemos constatar que as pessoas que se apresentam favoráveis à imigração apresentam motivações de solidariedade, necessidade de criar condições para os imigrantes no nosso país e de regular a imigração, mas, acima de tudo, o argumento que pesa na balança é o facto de Portugal ser um país de emigrantes, revelando alguns deles terem familiares ou a sua própria ascendência com histórias de emigração. Por oposição, as opiniões mais desfavoráveis sobre a imigração em Portugal, incidem em problemas de segurança social e de subsidiodependência, insegurança, problemas ao nível da educação, mas também a da sua legalização e necessidade de regulamentação.

Se tentarmos compreender como se comportam estas mesmas ideias em função da orientação do voto, nomeadamente do voto no Chega ou não, conseguimos identificar uma tendência de posicionamento dos eleitores do Chega relativamente à imigração que se distingue da dos demais eleitores.

O sentimento de solidariedade para com os imigrantes encontra-se totalmente ausente nos eleitores do Chega. Por outro lado, os eleitores do PS, como Flor e Bernardo, mostram a sua empatia por quem vem para Portugal à procura de uma vida melhor. Flor diz-nos que "na lógica de quem vem, eu acho que nos cabe a nós o lado solidário de

receber as pessoas" e, na opinião de Bernardo "o pessoal que vem trabalhar para Portugal, vem à procura de uma melhor qualidade de vida, que é o mesmo que os nossos fazem".

Outro ponto em que mais se distinguem as opiniões dos votantes Chega versus os não Chega em relação à imigração, prende-se com a relação dos imigrantes com o trabalho, a sua competência e a ocupação de empregos que os portugueses não querem. Apenas um dos eleitores do Chega, Nuno, tocou neste facto de os imigrantes virem para trabalhar, mas fê-lo na mesma frase em que relembrou a questão da insegurança e da criminalidade associadas à imigração, referindo que não são todos criminosos e que "até há muito boa gente que vem mesmo trabalhar".

No caso dos restantes entrevistados/as, não eleitores do Chega, as referências ao trabalho dos imigrantes são feitas com outro tipo de argumentos, mais positivos, encarando a imigração como sendo de valor, um direito, uma necessidade de sobrevivência e, além disso, favorável para a própria economia e para a Segurança Social em Portugal. Referem que os imigrantes apenas vêm ocupar os empregos que os portugueses não querem (Jorge, eleitor BE), que vêm refazer as suas vidas (Filipa, eleitora AD) e o quanto contribuem inclusivamente para a nossa economia face ao crescente envelhecimento da população (Flor, eleitora PS e Bernardo, eleitor PS).

Os eleitores do Chega associam essencialmente à imigração temas com uma carga negativa. Além de ser associada a problemas de segurança social, problemas de transportes públicos, desrespeito pelos direitos das mulheres, intolerância pela religião dos imigrantes (nomeadamente a muçulmana), problemas de educação, de saúde, mas principalmente de insegurança e subsidiodependência.

Neste aspeto, Nelson defende o controlo mais rigoroso das fronteiras: "Sobre a imigração, acho que é necessário um controle massivo com as entradas e saídas de Portugal. (…) Neste momento nós somos um país de portas abertas para tudo que quiser entrar, basta ver que todos os criminosos, sejam brasileiros, sejam o que for, estão em Portugal". Nuno também alerta que "há muitas pessoas que são criminosos e que até são procurados no próprio país deles e conseguem entrar aqui com uma facilidade enorme". E Carolina, habitante em Benavente, queixa-se das mudanças na sua terra e de diferenças religiosas que lhe dão insegurança: "cada um tem o direito de escolher a religião que quer praticar, (…) agora, a partir do momento em que eu tenho homens na rua com facas gigantes e não é um crime, porque faz parte da religião deles…".

Com exceção de uma referência de Filipa (AD) a "uma rua onde às vezes até nos sentávamos com os velhotes a falar, [e onde agora] estão a comunidade brasileira a beber

cervejas e com música aos altos berros" e ao facto de que acha que "é um bocado assustador", não há outros comentários além dos do Chega à questão da insegurança.

Também no caso dos subsídios atribuídos a imigrantes, com exceção de um comentário da Filipa, eleitora da AD, todos os demais comentários e preocupações com esta questão de os imigrantes virem viver para Portugal à custa de subsídios são de eleitores do Chega. Os eleitores do Chega argumentam ainda que os imigrantes têm casas pagas, enquanto os jovens adultos portugueses se veem obrigados a permanecer em casa dos seus pais, evidentemente uma falsidade.

O ponto da insegurança relativamente à imigração, bem como a questão da dependência de subsídios, mensagens que fazem parte do discurso político do Chega, acabam por ser duas questões que na prática unem os eleitores do Chega no seu discurso e os distinguem dos demais (tabela 8).

Em relação a aspetos culturais, Nuno, eleitor do Chega e com uma filha jovem, partilha a sua preocupação pelo desrespeito dos direitos das mulheres, não em relação às mulheres imigrantes, mas às mulheres portuguesas: "ela, se vai à praia, eles vêm sempre em grupos de 5 e de 8. Eles nunca andam sozinhos e andam com os telemóveis a filmar as miúdas, as mulheres de biquíni.". Por outro lado, Nelson, também do Chega e segurança privado, tem presenciado algumas situações nos supermercados em que trabalha e contesta que "virem para aqui e para serem e, passo a usar a expressão "porcos", para estarem a ver as mulheres como objeto sexual, como um objeto de prazer e não garantir os direitos às mulheres, isso é leis do país deles, nós temos as nossas leis." Este tipo de discursos enquadra-se no perfil de femonacionalismo anteriormente referido, em que o pretexto de defesa dos direitos das mulheres é utilizado para justificar posições racistas e xenófobas e acusar os imigrantes de machismo.

Ambos os tipos de eleitores partilham preocupações com as diferenças culturais e a necessidade de integração dos imigrantes, a criação de condições e os problemas na habitação.

Tabela 8 - Principais diferenças entre os votantes Chega vs Não Chega sobre a questão da imigração

Eleitores não votantes no Chega	Eleitores que votam no Chega
Solidariedade / empatia	Insegurança
Imigrantes trabalhadores / sérios	Subsidiodependência
	Problemas de segurança social
	Problemas de transporte públicos
	Desrespeito pelas mulheres portuguesas
	Intolerância à religião muçulmana
	Problemas na educação
	Problemas na saúde

Em relação à habitação, há, no entanto, diferentes perspetivas relativamente à influência da imigração nos problemas da habitação. Flor, socialista, diz-nos que "Portugal, houve aqui um período, houve aqui algo que descompensou, e descompensou nomeadamente na habitação, mas isso tanto para nós como para os imigrantes, mas aí nós não podemos culpar os imigrantes". Por outro lado, Filipa, que vota AD e trabalha atualmente numa agência imobiliária na zona da grande Lisboa, partilha a sua perceção: "onde eu trabalho, grande parte aqui das casas estão a ser compradas por africanos, franceses e brasileiros. E grande parte destas casas são compradas a pronto pagamento. (…) É tudo em cash. (…) E nós percebemos, não é? Não são casas baratas".

No caso dos votantes no Chega, a questão da habitação tem causalidade direta na imigração. Nuno refere que "tem que haver quantidade de habitação para suportar essa quantidade de pessoas e não como está, como foi feito estes anos todos que entrou tudo" e Gustavo diz-nos que "o preço das casas estão realmente muito pobres, e é isso também que leva um pouco com a imigração também, porque nós nascemos cá, trabalhamos cá, fazemos vida cá e temos tudo cá, e depois vem uma pessoa de fora que não contribui para nada, e se calhar até faz pior".

A igualdade de direitos das mulheres e a igualdade de género são temas sobre os quais todos as pessoas entrevistadas se auto-posicionaram a favor, mas em cujos discursos se encontravam depois algumas incoerências com esses mesmos posicionamentos. Por exemplo, Nelson Guedes, um jovem eleitor e militante do Chega, de 24 anos, diz-nos que "há trabalhos, sim, que exigem força, mas cabe à mulher analisar se está preparada para

esse trabalho ou não. Não cabe aos homens decidir. E muitas mulheres são mais homens que certos homens", num claro preconceito de que as mulheres são mais frágeis e, quando não o são, é porque são mais homens que os homens, o suposto sexo forte. O mesmo jovem defende ainda em relação à interrupção involuntária da gravidez que "essa escolha devia ser analisada medicamente com um psicólogo para perceber se a pessoa, no exato momento que está a exercer a escolha de abortar ou não, tem as suas capacidades mentais para tomar a escolha sozinha" e, em relação à lei da paridade, faz a leitura claramente subvertida e patriarcal de "a lei da paridade exige que a cada dois homens existe uma mulher, ou seja, as listas têm que cumprir com isso", esquecendo-se de que o inverso também é possível (e, claro, obrigatório). Mas esta questão dos direitos da mulher é claramente uma questão acima do posicionamento político. É uma questão de ser-se mulher acima de qualquer ideologia política. Carolina Mota, de 28 anos, também ela militante e eleitora do Chega, tem uma visão muito clara do tema dos direitos das mulheres, sendo muito perentória no quanto se opõe ao seu partido relativamente à recente perda ao direito ao luto gestacional por parte das mulheres, ao facto de os pais com crianças com deficiência menores de 12 anos perderem o direito a não aceitar trabalho aos fins de semana e turnos de noite ou até a posicionamento relativamente à interrupção involuntária da gravidez.

No que respeita às questões de género, os votantes no Chega, do sexo masculino, mesmo quando se afirmam favoráveis a questões como o casamento ou a adoção de crianças por casais do mesmo sexo, no seu discurso, dizem todo um contrário. Nuno Carvalho acaba por ser bastante direto e diz-nos, "Para mim, um homem vai ser sempre um homem (…). Um homem pode dizer que é uma mulher, mas nunca vai ser uma mulher." e acrescenta ainda, "em relação aos termos deles adotarem crianças, isso tem que ser muito bem estudado". Nelson Guedes, insurge-se contra o facto de impingirem ideias à sociedade e contra as marchas LGBTQIAPN+, escudando-se no partido para opinar "Nós somos contra estas manifestações com o dinheiro dos contribuintes", para mais tarde rematar que "se os héteros que são héteros, não fazem estas manifestações, porque é que as outras pessoas o fazem?", aludindo a um referencial normativo heterossexual como modelo comportamental para outros géneros. Mauro Pires, de 81 anos, também partilha que se opõe às marchas e que não gosta de exibicionistas. Já Gustavo, também ele um jovem eleitor do Chega, pede mesmo para voltar atrás para esclarecer, "só voltando atrás na adoção de crianças por casais do mesmo sexo, eu acho

que sim, mas também não acho bem os pais, entre aspas, dizerem que são pais de sangue, e tentarem dizer que são pais de sangue, porque isso não pode ser".

Com exceção destes homens eleitores do Chega (com escolaridade entre o 9º e o 12º ano), os demais entrevistados/as não emitiram qualquer tipo de comentário negativo ou preconceituoso em relação aos direitos das mulheres, nem de casais do mesmo sexo.

4. A leitura do presente

Na opinião dos/as entrevistados/as o resultado das últimas eleições legislativas de maio de 2025 foi considerado um bom resultado pelos votantes Chega e um mau resultado pelos que não dão o seu voto ao Chega. Os não votantes Chega encararam o resultado como "assustador" (Patrícia Fialho, AD), "um desastre" (Jorge Caldeira, BE), e Flor (PS) desabafa que "não devia ficar, mas fiquei muito surpreendida com o crescimento do Chega (…), eu não percebo, estou perdida".

No que respeita às primeiras medidas tomadas, as opiniões são tendencialmente negativas, no entanto, as únicas críticas provenientes de votantes Chega, vêm de Carolina.

Carolina, a jovem militante do Chega, fala-nos dos direitos das mulheres: "quase não são respeitados, principalmente com estas novas leis que foram aprovadas esta semana. Não termos direito ao luto gestacional, os pais que tenham crianças que tenham deficiência até aos 12 anos vão ser obrigados a aceitar trabalho aos fins de semana e turnos de noite, se tiver que ser. Não faz sentido nenhum, não é?". Jorge (BE) também é crítico no que se refere à habitação e ao emprego: "Esta coisa das rendas, deixa-me com os cabelos em pé, as medidas sobre o emprego que favorecem claramente os patrões. Fiquei a saber, a ler no Facebook, que esta medida das rendas moderadas até 2300€ vai favorecer essencialmente duas joint ventures, que são americanas e inglesas, que detêm a maioria das coisas de arrendamento em Lisboa".

Flor, socialista militante, ironiza em relação à saúde e ao SNS: "Atualmente, e então ainda mais com esta ministra, que eu acho que ela está a fazer bem feito, ela está a encarregar-se de acabar com o Serviço Nacional de Saúde. Tanto mais que eu questiono se são tantas falhas ou se as falhas são intencionais, porque aquilo que se está a passar é que está a passar uma mensagem que o Serviço Nacional, que o Serviço de Saúde não tem competências, ou não tem técnicos, ou não tem condições.".

Em relação aos principais problemas atuais do país, há temas que são referidos independentemente da cor política dos entrevistados, tais como a corrupção, a justiça, habitação, educação e impostos. A saúde, ainda que mencionada quer pelos votantes Chega quer pelos não votantes, é referida com maior incidência pelos entrevistados que votam Chega. Por outro lado, temas como a falta de investimento ou investimentos mal planeados e a insegurança são exclusivamente mencionados pelos votantes Chega e, inclusivamente, no caso da insegurança, com elevada frequência.

A descredibilização dos políticos, onde se inclui o discurso antissistema, e a imigração são os problemas do país mais destacados pelos entrevistados que afirmaram dar o seu voto ao Chega.

Nelson, 24 anos e militante ativo do Chega, não poupa em críticas, não só ao primeiro-ministro Luís Montenegro, como à esquerda, onde acaba por incluir o próprio PSD: "E basta ver esta parte contra a esquerda toda, e falo mais no PSD, neste caso nomeadamente agora é a AD, quando o país estava a arder qual é que era a preocupação dele? Era o estar de férias, com o lombo ao sol e virem revelar ao país que, ok, o país está a arder vamos esquecer isso porque vamos fazer tudo para a fórmula 1 voltar", "o estado do país a arder estava a piorar a cada dia, em vez de chamar ajuda internacional vem-me anunciar que vai fazer tudo para a fórmula 1, ou seja, vai-me gastar mais dinheiro em fórmula 1 quando o país está a passar por um desastre."

Mauro, 81 anos, também votante no Chega, é implacável na sua crítica à incompetência dos políticos e à sua sede de poder: "Eu abomino tudo o que seja, o que for incompetência".

Já em relação à imigração Nelson refere que "é necessário um controle massivo com as entradas e saídas de Portugal. O que é que eu quero dizer com isto? Neste momento não somos um país de portas abertas para tudo o que quiser entrar, basta ver que todos os criminosos, sejam brasileiros, sejam o que for, estão em Portugal". Nuno, simpatizante do Chega, diz-nos que "no Martim Moniz, (…) eu não me desloco [lá], mas.. o que eu tenho visto é que aquilo não é uma zona para uma mulher andar a passear ou às compras no Martim Moniz. Eu não quero que Portugal se torne isso como deve perceber", numa associação direta da insegurança à imigração. Carolina, com 28 anos, moradora em Benavente e militante do Chega, descreve a situação na sua terra: "Aqui, na minha terra, isto de há uns anos para cá (…) há muita gente a fazer mal, há muita gente em cada esquina, grupos de várias etnias, de várias comunidades, tudo aos grupinhos. E é chato, porque nós temos medo de sair de casa à noite, ou quando vamos às festas (…), de deixar

as nossas casas sozinhas. Porque até um simples catalisador de um carro desaparece. E ninguém dá conta, e quando dão conta também ninguém faz nada. (…) E é uma zona onde também existe muito tráfico de droga, aqui. Principalmente aqui na zona onde eu moro, literalmente na zona do meu prédio".

Este discurso anti-imigração e de associação da mesma à insegurança revela ser uma narrativa característica dos votantes do Chega (independentemente do sexo, idade ou nível de escolaridade), não tendo sido identificado nas entrevistas das pessoas que não votam Chega.

5. Os pilares e os holofotes da política

Numa altura em que os partidos de extrema-direita se afirmam a nível internacional e nacional com cada vez mais votos e apoiantes, procurou-se compreender a importância da democracia para os/as inquiridos/as e também quais os valores democráticos que consideram mais relevantes.

A liberdade de expressão é evocada como relevante por dois dos inquiridos que não são eleitores do Chega, como Jorge Caldeira do BE, ou, de uma forma menos direta, Filipa Mendes, eleitora da AD e que comenta que "ninguém compreendeu o 25 de Abril. (…) as pessoas acham que, pronto, estamos num país livre, então podemos matar, podemos falar mal daquele e daquele, podemos... E as regras estão-se a esquecer. A educação.", apelando, na realidade, à ideia de que a nossa liberdade termina onde começa a liberdade dos outros. A importância de não esquecermos o passado recente e conhecermos a História é também apontado por Patrícia (da AD) como um referencial a ter sempre em conta para a preservação da democracia, lembrando que "dos extremos nada de bom vem, basta olhar para a história".

Mas, de facto, são os eleitores do Chega que mais se referem à necessidade de liberdade para poderem expressar as suas opiniões e se queixam da falta de respeito alheio pelas opiniões, recorrendo inclusivamente a revolucionários gritos de esquerda, da icónica "Grândola Vila Morena", como "o povo é quem mais ordena" para ironizar com o seu comentário, usando e abusando dos valores da democracia para a enfraquecer: "eu defendo que haja democracia, (…) todos tenhamos as suas opiniões e que acima de tudo haja respeito entre a esquerda e a direita para saber debater essas mesmas ideias e chegar a um consenso, daí a frase de que o povo é que mais ordena, não é a esquerda que mais

governa, nem é a direita, é o povo é que decide (Nelson Guedes, militante Chega, 24 anos)". Nuno Carvalho, comenta também a questão da liberdade: "Democracia é tudo, não é? (…) Claro que a nossa liberdade, como eu disse há bocado, acaba quando interferimos com a liberdade dos outros", mas num sentido em que a liberdade de expressão dos apoiantes do Chega sofre tentativas de limitação por parte das restantes forças políticas, tal como diz "Porque há muitas pessoas que fazem essa confusão pensam que democracia é só para eles, e depois não se lembram que os outros também têm direito a essa tal democracia em termos de eles poderem ter as suas opiniões". Nelson Guedes, candidato a uma junta de freguesia pelo Chega nas últimas eleições autárquicas, já havia apontado este sentimento de vitimização a propósito da sua campanha, referindo-se a que "a democracia acho que está um bocadinho afetada e aliás pela minha campanha, eu noto, porque arrancaram-me 62 cartazes". E Carolina Mota, também ela militante do Chega, a propósito da divulgação pública que tinha sido feita dos nomes de crianças (muitas delas imigrantes) com acesso ao ensino-pré-escolar[2], desabafava que "[a democracia] já teve melhores dias. Agora parece que ninguém pode dizer nada, somos logo alvo de escrutínio máximo, e somos logo apontados como isto ou como aquilo, só baseado numa opinião, mas toda a gente tem direito a ter uma opinião". Trata-se de um discurso de vitimização e de quem sente que finalmente tem um partido, um grupo de pessoas que agregam um mesmo tipo de discurso, com um líder que reclama essa mesma liberdade de expressão e que, por isso mesmo, é maltratado pelos meios de comunicação social.

Esta ideia de enviesamento dos meios de comunicação social a desfavor do Chega está também bastante presente nas opiniões dos seus apoiantes. Nelson diz que "sobre a política nacional eu não posso ver pela comunicação social porque a comunicação social é toda à esquerda, então não dá para tirar uma ideia fidedigna daquilo que está o estado do país". Nuno partilha que "os nossos telejornais não são muito democráticos" e encontra nesse próprio enviesamento motivos para que as pessoas estejam a mudar para partidos de extrema-direita: "a nossa comunicação social (…) está muito mal vista e está a começar a ficar muito mal vista e as pessoas estão a começar a abrir os olhos e a ver que a comunicação social só passa o que quer e passa a informação que quer e da maneira que quer. E as pessoas estão a começar a topar isso e por isso estão a começar a mudar também

[2] Em agosto de 2025, o presidente do Chega, André Ventura, e a deputada Rita Matias do Chega, divulgaram na Assembleia da República e nas redes sociais uma lista de nomes de crianças que tinham obtido vaga numa escola pública de ensino pré-escolar, e em que se percebia pelos nomes que muitas delas não eram de origem portuguesa. O intuito era o de enfatizar que a imigração era em si uma das causas das crianças portuguesas não conseguirem acesso a esse mesmo nível de ensino.

o espectro político delas para partidos, lá está, se calhar um bocadinho mais, um bocadinho mais a ir para o extremo".

Esta perceção de que a comunicação social está contra o partido do Chega, acaba por contrastar com a considerável presença de comentadores do Chega em cada vez mais programas de debate nos vários canais de televisão portugueses.

É também neste contexto que Nuno transmite de uma forma muito transparente a admiração pelo seu líder André Ventura e pela forma como ele representa os apoiantes do Chega em que, apesar de ter uma comunicação social completamente contra ele, os consegue vencer com mestria e dizer-lhes todas as verdades: "André Ventura está a conseguir desmistificar… tanto nas entrevistas que lhe fazem que chegam a pôr seis comentadores ou jornalistas contra ele. E ele consegue… porque, para já, ele é uma pessoa muito culta, é professor doutor. É uma pessoa cultíssima e ele p'ra mim ninguém o consegue torcer, vá, poderemos dizer assim, eles bem tentam, mas não conseguem. Eles põem-no numa entrevista com seis comentadores que vão ali com uma raiva, a destilar um ódio para cima dele e ele consegue manter a sua postura, consegue-os pôr no lugar e consegue responder às perguntas deles, quer gostem, quer não".

Mauro, no seu discurso, reforça este sentido de injustiça da comunicação social perante o Chega a propósito de casos de suspeitas de corrupção.

Flor Costa, militante do PS, é a única entrevistada não eleitora do Chega que comenta algum enviesamento dos meios de comunicação tradicionais, nomeadamente quando nos diz "chateia-me coisas que o Público fez, (…) despedir jornalistas que não seguiam aquela linha tão que está agora a seguir o Público", e explica o que, no seu entendimento, está por detrás de tal comportamento: "aquilo que eu sinto é que as notícias são (…) muito feitas para vender, para o imediatismo". Além de Flor, não houve nenhum outro entrevistado a focar-se neste ponto a não ser os eleitores do Chega, revelando um claro sentimento de que a comunicação social mais tradicional é contra o Chega e a sensação de que o Chega e os seus apoiantes são vítimas desse mesmo comportamento.

Há muito que o papel dos media na divulgação de mensagens em larga escala é reconhecido. Mas as redes sociais vieram revolucionar a forma como se chega até às pessoas e, mais do que chegar até elas, de receber informações do tipo de publicação que visualizam, tornando-se num instrumento cabal para, através de algoritmos, direcionar a sua atenção para conteúdos específicos.

Facto não alheio a esta realidade é a cada vez maior utilização por parte dos políticos e dos partidos deste tipo de meio. Utilizando uma comunicação muito mais direta do que os meio de comunicação tradicionais, as redes sociais dispensam intermediários. A comunicação de André Ventura no Instagram ao longo da existência do partido Chega, tem sido muito mais centrada na figura de líder do partido do que na abordagem institucional propriamente dita, permitindo impulsionar o envolvimento dos seus seguidores ou utilizadores do Instagram, quer por questões emocionais quer de referência a outros atores políticos com os quais detém uma maior divisão ideológica (Deodato & Costa, 2025). Mas, a grande problemática desta comunicação direta através das redes sociais reside em grande parte na quantidade de desinformação que é partilhada e o elevado número de indivíduos que a ela acedem. Durante a pré-campanha e campanha das últimas eleições presidenciais, realizadas já neste ano de 2026, os conteúdos de desinformação publicados pelos candidatos ou pré-candidatos atingiram mais de 8,3 milhões de visualizações nas redes sociais (Facebook, Instagram, X, TikTok, Threads e Youtube), tendo André Ventura concentrado 82,4% dos casos (Ordem dos Advogados, 2026).

Neste sentido, quis-se também compreender como lidam os/as entrevistados/os com os media, mas também com as redes sociais enquanto fontes de informação.

De um modo geral, no conjunto de entrevistados, os eleitores do Chega recorrem, de facto, menos aos media tradicionais como a televisão ou os jornais (seja em formato digital ou em papel). O único eleito do Chega que referiu ler jornais, Mauro Pires, talvez pela geração a que pertence (81 anos), afirma ler o Correio da Manhã. Mas, por exemplo, Carolina Mota (Chega), de 28 anos, refere que "se perdeu muito a questão de ir aos jornais de manhã". Os eleitores dos demais partidos, mencionam ler outro tipo de jornal, tal como o Público (Flor Costa), o Expresso (Jorge Caldeiras) ou o Diário de Notícias. Apenas 2 entrevistadas (Patrícia e Filipa), mencionaram ouvir notícias através da rádio. No caso das redes sociais, não são apontadas como fonte de informação pela generalidade dos/as entrevistados/as, ainda que Filipa Mendes (AD) e Bernardo Dias (PS) as possam consultar de forma aleatória e Jorge Caldeira (BE) de uma forma mais dirigida, quando os amigos partilham links de notícias específicas. Já Nuno Carvalho, recorre mesmo às contas de redes sociais de partidos políticos ou figuras políticas para se informar, o que resulta num viés à partida dos conteúdos a que é exposto, sem isenção nem contraditório. E, se atentarmos ao facto de que o líder do seu partido, André Ventura, é responsável por muita da desinformação que circula nas redes sociais, poderemos facilmente inferir a quantidade

de conteúdos falsos a que este eleitor, juntamente com os demais eleitores/simpatizantes ou simples seguidores de André Ventura nas redes sociais, tem acesso. A televisão é o meio de informação que continua a ser referenciado por todos/as os/as entrevistados/as, sendo muito variável os canais utilizados para tal e muitas vezes com recurso a emissões online.

O modo como se constrói política, como os meios de comunicação social comunicam essa mesma política ou mediatizam assuntos colaterais com impacto direto na maior ou menor popularidade dos políticos e respetivos partidos e, mais do que isso, a interpretação que é feita pelos indivíduos dessa mesma comunicação, acaba por ser todo um palco onde se constroem e difundem ideologias ou, como muito, formas de militância. A militância no Chega apresenta uma tendência muito acentuada de influência deste mesmo palco, onde se nascem sentimentos de injustiça, mas também de admiração pela coragem, ousadia e destreza política do seu líder André Ventura. Os media e as redes sociais em geral, são o seu palco e sobre ele incidem valiosos holofotes de potencial de popularidade.

6. A trajetória do voto

Por forma a compreender como evolui a trajetória de voto e qual a origem de voto dos atuais eleitores Chega, foi elaborado um esquema evolutivo do voto nas eleições legislativas para cada um dos/as entrevistados/as. O esquema elaborado revela-nos perfis marcadamente de esquerda, seja o de Jorge Caldeira, com um perfil BE mais à esquerda, sejam perfis como o de Flor Costa ou o de Bernardo Dias, com um posicionamento PS. Analogamente, também se pode afirmar que Patrícia Fialho se enquadra num perfil de direita AD, com votos consistentemente à direita, oscilando no passado entre o CDS-PP e o PSD.

Por seu lado, Filipa Mendes mantém-se num perfil de centro-direita, alternando o seu voto entre PSD, PS e agora AD e, Gustavo Guerra, de 18 anos, tendo votado inicialmente no Chega, mas abstendo-se nas últimas legislativas de 2025, poderá considerar-se um perfil Chega-desinteressado.

Carolina Mota será, também por possibilidade da idade que tem (28 anos), a única eleitora que de forma consistente votou no Chega ao longo de todo o seu percurso de eleitora. Os demais eleitores atuais do Chega que foram entrevistados, trata-se de eleitores

com historial de voto no PSD e no CDS e inclusivamente no PS. Este comportamento enquadra-se nos resultados do recente estudo de Hugo Ferrinho Lopes (Jornal Público, 14-02-2026), em que se conclui que 25% dos militantes do Chega vieram de outros partidos e que, na sua maioria, vieram do PSD e do CDS.

Figura 4 – Mapa de trajetória do voto dos/as entrevistados/as ao longo das diferentes eleições legislativas e respetivo perfil identificado

Entrevistado	Votos anteriores			2022	2024	2025	Perfil
Patrícia Fialho	CDS	PSD-CDS		PSD	AD	AD	AD
Nelson Guedes	PSD	último	PSD-CDS	PSD	CH	CH	Novos Chega
Nuno Carvalho	PSD	CDS	PS	CH	CH	CH	Novos Chega
Mauro Pires	PSD	PS		PSD	CH	CH	Novos Chega
Jorge Caldeira	BE	UDP	PS	PS/BE	BE	BE	BE
Gustavo Guerra	NA			NA	CH	NV	Chega desinteressado
Filipa Mendes	PSD			PS	PS	AD	Centro-direita
Flor Costa	PRD	BE	PS	PS	PS	PS	PS
Carolina Mota	CH			CH	CH	CH	CH
Bernardo Dias	BR	PS	PSD	PS	PS	PS	PS

Contrastando as várias trajetórias de voto com os votos dos seus familiares, podemos verificar que, em alguns casos, os votos da família influenciaram os primeiros votos da trajetória dos/as entrevistados/as.

Nelson Guedes refere que os pais votavam no "último da lista", ou seja, no último partido ou candidato que aparece no boletim de voto – tal como ele começou por fazer. Assim, desprovido de um ideal político, mas apenas pela intenção de votarem no "mais fraco" que estaria no final do boletim. Nuno Carvalho, também assume "votei PS, porque a minha mãe, pronto, a minha mãe gostava do PS". Hoje ambos são eleitores e militantes do Chega. Gustavo, apesar de afirmar que a mãe é de centro-esquerda, votou inicialmente no Chega, mas, nas últimas eleições, e ainda que tenha referido que aconselha sempre o pai a não se abster, ele próprio seguiu o exemplo do pai nas eleições legislativas de 2025 e não foi votar.

Mesmo Bernardo Dias, que tem votado de forma bastante consistente no PS, também chegou a votar PSD no passado e, quando questionado sobre o voto dos pais, responde prontamente "eu sou natural de Viana do Castelo, e em Viana do Castelo, 90%, se calhar, é tudo de direita, é tudo principalmente do PSD, por isso eles não são diferentes", partilhando também que chegou a colar cartazes do PSD. Já Flor, cujo pai era de direita, entre o PSD e o CDS, demonstra ao longo do seu discurso uma profunda admiração pela mãe, tendo seguido os seus passos no seu voto inicial no PRD: "Foi um partido que na altura tinha surgido, aparecia assim como uma inovação, algo de novo, e

porque a minha mãe era militante desse partido, na altura também tinha entrado um bocado, porque ela foi um bocadinho influenciada pelo Ramalho Eanes, que era a cabeça de cartaz desse partido". Mais tarde, por influência do marido, terá apoiado o Bloco de Esquerda, até que concluiu ser no Partido Socialista que mais se revia e decidiu inscrever-se como militante.

No entanto, Carolina Mota que afirma "a minha avó paterna, sempre foi comunista", sempre votou no Chega. Patrícia, também partilha que "os meus pais nunca foram pessoas de discutir muito política, eles eram socialistas, eles votavam PS, mas não nos influenciavam nem nos impingiam qualquer tipo de ideologia" e, efetivamente, Patrícia nunca votou PS ao longo da sua vida.

O espectro de posicionamento político dos eleitores que não votam Chega abrange o intervalo 2-7. Já no caso dos eleitores do Chega, o intervalo vai de 5 a 9, com maior incidência no 9.

As razões que são apontadas para os eleitores do Chega para o seu posicionamento político incidem maioritariamente e de forma destacada relativamente aos demais entrevistados/as na descredibilidade da classe política e em motivações antissistema. Seguem-se-lhe as razões relativas a sentirem uma oposição geral ao Chega e à extrema-direita, a para com o facto de terem sentimentos anti esquerda. Trata-se de razões que vão ao encontro de opiniões já partilhadas a propósito da comunicação social que, na opinião de vários entrevistados/as, se opõe ao Chega e ao seu líder André Ventura – o qual não tem medo de apontar o dedo aos políticos corruptos e incompetentes de esquerda. A falta de competência da classe política e um posicionamento claro contra a imigração, são também motivos relevantes e, em nenhum dos casos apontados pelos eleitores que não votam Chega. Interessante, porém, é constatar que, ainda que o carisma do líder seja apontado também pelos eleitores do Chega, este é um fator que é mais relevante para os/as restantes eleitores/as entrevistados/as do que para os/as do Chega. O carisma do líder é, aliás, o fator com mais força para estes/as eleitores/as, o que de alguma forma mostra que, ainda que a imagem de André Ventura tenha uma grande força enquanto presidente do Chega, são as suas ideias chave antissistema, anti-imigração, de vitimização perante uma comunicação social que procura prejudicar e difamar o Chega e uma forte posição contra a esquerda que mais direcionam o posicionamento político dos eleitores do Chega.

Se atentarmos às motivações que estiveram por detrás do voto exercido nas últimas eleições de 18 de maio de 2025, podemos confirmar as principais razões que

direcionam os eleitores para votar no Chega, por comparação às razões dos eleitores que votaram noutros partidos (gráfico 3).

Gráfico 3 – Quantificação dos segmentos de texto identificados por categoria de motivação do voto, para eleitores Chega e Não Chega



Tal como se pode observar, a liderança foi o principal fator de voto, quer para os eleitores Chega, quer para os demais, no entanto, no caso dos eleitores do Chega a liderança de André Ventura tem muito mais impacto. Por outro lado, os valores do partido, têm muito mais impacto para os eleitores que não votam Chega. Aliás, para os eleitores Chega, os valores do partido e as propostas políticas têm igual relevância para a decisão de voto, partilhando a 2º posição no que respeita à importância de contributo para o voto.

Há três razões que levam ao voto no Chega que não fazem parte das motivações de voto dos outros eleitores. Tais razões são o posicionamento contra o sistema, a corrupção e a luta pelos jovens. O facto de os eleitores do Chega terem uma perceção de que o partido luta pelos jovens poderá ajudar a explicar o facto de este partido conseguir cativar tanto o eleitorado jovem.

Com mais impacto para os eleitores Chega do que para os não Chega, o sentimento de revolta e impotência também é um motivo de voto, revelando mais um voto por insatisfação do que por convicção, ou seja, vota-se "no contra", atitude que se enquadra com também com o voto antissistema.

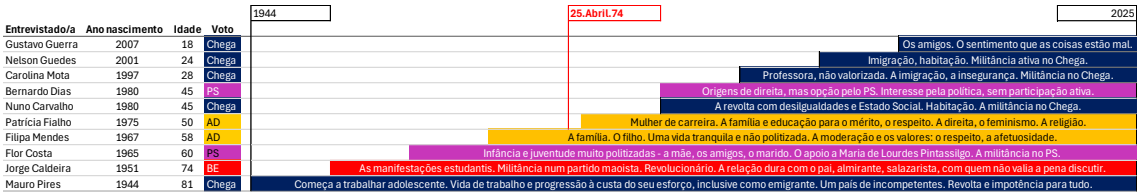
O exercício do voto num dado partido por falta de alternativas, ou o voto útil contra a direita, bem como o voto na AD pelo sentimento de injustiça para com

Montenegro, pelo facto de o governo não ter cumprido o seu mandato, são motivações exclusivas de eleitores que não votam Chega.

A figura abaixo apresenta por ordem crescente de idades um breve retrato de cada entrevistado/a, evidenciando -se, tal como se havia constatado na análise quantitativa, a prevalência do voto no Chega por parte dos entrevistados mais jovens, com uma escolaridade até ao 12º ano (com exceção de Carolina, que tem escolaridade ao nível de mestrado). Ressalta também o enquadramento tendencial dos eleitores de esquerda, nomeadamente no PS e no BE, em faixas etárias mais elevadas e com níveis de escolaridade mais elevados. Os votos na AD enquadram-se também num perfil de faixa etária intermédio e com nível de escolaridade ao nível do secundário ou nível superior.

Não se poderá deixar de comentar a "mancha azul" do Chega que é apresentada também na figura abaixo e que incide sobre os eleitores nascidos após o 25 de Abril e com maior distanciamento de vida da realidade da ditadura e do fascismo em Portugal. Este distanciamento não se compadece apenas com a falta de experiência na primeira pessoa, mas também é construído, como se viu acima, pelo desapego democrático e político dos seus ambientes familiares.

Figura 5 – Esquema dos entrevistados/as em função da sua idade, partido votado e enquadramento de trajetória de vida em função do antes e depois do 25 de Abril



Anatomia do voto: lições e reflexões

Na primeira etapa deste estudo, foi efetuada uma análise quantitativa com base nos dados do European Social Survey (ESS11-2023), a partir dos quais se identificaram três perfis políticos distintos: direita, desinteressado e esquerda.

No perfil de direita enquadram-se os simpatizantes/eleitores da IL, Chega, PPD/PSD e CDS-PP, com posicionamento político de direita moderada e extrema-direita (6-10) e maioritariamente com idades compreendidas entre os 31 e os 50 anos. É, ainda assim, o perfil político com maior representatividade da juventude, com mais de 22% das pessoas dentro da faixa etária 18-30. Em termos de escolaridade completa, trata-se tendencialmente de pessoas com o ensino secundário ou superior, a trabalhar em serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores ou em atividades intelectuais e científicas.

O perfil desinteressado inclui pessoas que não votaram nas últimas eleições, com pouco interesse em política e um posicionamento político tendencialmente intermédio. Verifica-se especial associação com o grupo etário entre os 31-65, com ensino secundário ou ao nível do 3º ciclo do ensino básico e a trabalhar nos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores e como operadores de instalações e máquinas e trabalhos de montagem.

Já o perfil de esquerda refere-se aos simpatizantes/eleitores do PS, Livre, PAN, PCP, PCTP-MRPP, BE e Volt e um posicionamento entre 0 e 4. Trata-se de pessoas tendencialmente acima dos 65 anos, com polarização em termos de nível de escolaridade entre o 1º ciclo do ensino básico e o ensino superior e a trabalhar essencialmente em atividades intelectuais e científicas ou em serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores. É um perfil com muito fraca associação com indivíduos jovens até aos 30 anos.

Articulando os perfis identificados na análise quantitativa com os/as dos/as entrevistados/as da análise qualitativa, pode contatar-se que existe um enquadramento dos mesmos nos perfis políticos definidos. Gustavo, eleitor do Chega em anteriores eleições, mas que se absteve nas últimas eleições de maio de 2025, enquadra-se num perfil desinteressado, com fácil proximidade à direita e um nível de escolaridade completo ao nível do secundário. Num perfil de direita, incluem-se o Nelson, a Carolina, o Nuno e o Mauro (eleitores do Chega) e a Patrícia e a Filipa (eleitoras da AD). Tal como na análise quantitativa realizada, também no âmbito dos entrevistados/as o Chega recolhe os votos

dos mais jovens (a Carolina, com 28, e o Nelson, de 24 anos). Incluem-se também o Nuno (com 45 anos e 12º ano), bem como o Mauro, com 81 anos e o equivalente ao 9º ano. As eleitoras entrevistadas da AD, Patrícia e Filipa, têm respetivamente, 50 e 58 anos, e escolaridade ao nível do ensino superior e do 12º ano. No perfil de esquerda, enquadramos não só as pessoas de mais idade, como de nível de escolaridade mais elevada: a Flor, militante do PS, com 60 anos e a fazer o seu doutoramento, e Jorge, eleitor do Bloco de Esquerda, de 74 anos e doutorado. Inclui-se também neste perfil o Bernardo, eleitor do PS, com 45 anos e o 9º ano.

As entrevistas realizadas ajudaram a compreender alguns comportamentos e sentimentos políticos, respeitantes às emoções que determinados temas societais despoletam, e a encontrar algumas tendências distintas entre eleitores do Chega e dos restantes partidos que não conseguimos encontrar em abordagens mais quantitativas.

Através das interações descritas com a família e os amigos, percebemos que as vivências na infância (na família) e na juventude (família, contexto escolar ou entre pares) têm uma forte influência nas convicções políticas das pessoas de esquerda, as quais têm ainda maior força se respeitarem a valores e direitos pelos quais tiveram de lutar, tais como a liberdade de expressão e a democracia, ou movimentos feministas. Não só a família, como os pares e a própria escolarização, como os diferentes acontecimentos sociais, culturais e históricos que ocorrem ao longo dos ciclos de vida dos indivíduos têm um papel fundamental na sua socialização política. Os acontecimentos históricos e as mudanças sociais que ao longo da trajetória de vida das pessoas, são assim fatores decisivos por detrás das diferenças geracionais que existem em termos de comportamentos e preferências políticas (Neundorf & Smets, 2017). A revolução do 25 de Abril, como acontecimento histórico e determinante de grandes mudanças políticas e sociais em Portugal (como a emancipação da mulher em Portugal) foi, portanto, um fator de socialização política muito profundo e que se enraizou fortemente nas gerações que o viveram na sua infância, adolescência ou enquanto jovens adultos. Nem todas as gerações respondem da mesma forma aos mesmos eventos, mas o período da infância ao início da idade adulta é crucial para a formação das atitudes e comportamentos políticos dos cidadãos (Neundorf & Smets, 2017)

Este é um ponto de distinção relativamente aos eleitores do Chega, os quais, tendencialmente, não apresentam histórias de socialização política no seio familiar, nem ao longo da infância e juventude. Do mesmo modo, quando falamos de valores de família, são também os eleitores do Chega que menos referem sentimentos de empatia e afeto, por

contraposição a uma valorização forte das "regras" da educação, o trabalho, e enfatizando os valores da dureza da vida.

Sendo os valores políticos reflexões individuais resultantes dos contextos sociais, da homofilia e interações sociais (Connors, 2019) e os valores fundamentais dos indivíduos aqueles que moldam as predisposições políticas subsequentes (Lupton et al., 2020), podemos concluir que indivíduos valorizam menos a empatia e o afeto, por contraposição à valorização de normas, deveres e "educação" tenderão a ter uma maior predisposição para ser eleitores do Chega.

A política não começa nem acaba no voto. É por isso necessário desenvolver metodologias qualitativas e aprofundar perspetivas sociológicas capazes de entender não as causas próximas do voto depositado, mas as intrínsecas e enraizadas. Só com essa anatomia se pode "dialogar" com as "razões" do comportamento antidemocrático e desenvolver antídotos se não para as mais velhas, pelo menos para as mais novas gerações.

Mas a socialização política e formação de valores sociais e ideológicos não é estanque no tempo e nas esferas de vida, e os indivíduos desenvolvem leituras do mundo e da sociedade portuguesa e das suas condições de vida, que por sua vez veem mais ou menos representadas nas propostas, narrativas e propagandas dos partidos (e dos seus líderes). Existem alguns temas transversais. Independentemente do posicionamento político, de um modo geral, quer no caso da saúde, quer da educação, as opiniões são desfavoráveis, com enfase para a falta de confiança no SNS e falta de valorização de médicos e professores. No que à habitação diz respeito, as opiniões são também muito unânimes relativamente à crise que esta área da vida social apresenta, quer no que se refere à falta de casas, quer aos preços elevados.

A imigração, no entanto, é um tema diferenciador. Tema constante nas narrativas do discurso partidário do Chega e de André Ventura, e muitas vezes de forma associada a insegurança (Deodato & Costa, 2025), é também o que mais fratura opiniões entre os eleitores do Chega e de outros partidos, sendo inclusivamente apontado pelos eleitores do Chega como causa para diversos problemas sociais. Esta tónica na imigração como problema e causa de muitos outros problemas intersectoriais é muito visível nas entrevistas analisadas. Existe, de um modo geral, nos eleitores do Chega, uma grande carga negativa no seu discurso relativo à imigração, incidindo em questões como problemas de segurança social, de transportes públicos, desrespeito pelos direitos das mulheres, intolerância pela religião dos imigrantes (nomeadamente a muçulmana),

problemas de educação, de saúde, falta de habitação, mas, principalmente, de insegurança e subsidiodependência. Por oposição, os eleitores dos restantes partidos sentem empatia pelos imigrantes e pelas histórias de luta por uma vida melhor (tal como os portugueses fizeram no passado) e reconhecem no trabalho imigrante um contributo positivo para determinados setores de atividade e para a segurança social.

As questões de igualdade de género são também diferenciadoras. No entanto, a identificação com o Chega não é fator solitário, e interage com o género do próprio eleitor (segundo o que é possível colocar como hipótese a partir das entrevistas realizadas). Se em relação aos direitos das mulheres, o tema se posiciona acima da ótica partidária ou de perfil político, sendo as mulheres quem mais enfatiza a defesa dos seus direitos, no caso das questões de género, os votantes no Chega do sexo masculino, ainda que reticentes em assumir, acabam por demonstrar nos seus discursos a não aceitação de diferentes géneros e igualdade de direitos, expressando uma clara desaprovação de manifestações de género, nomeadamente pelas marchas LGBTQIAPN+.

Numa ótica semelhante à de Karl Popper (2012 [1945]) sobre o *paradoxo da tolerância*, os eleitores do Chega usam os valores da democracia contra a mesma. Num esquema social polarizado entre elites e povo, os eleitores do Chega sentem-se excluídos da democracia em Portugal. É o sentimento de vitimização que se revê num líder, também ele vítima do sistema e da comunicação social, mas que se eleva acima dessa mesma oposição e lhes suscita admiração. Tal como na metáfora de Hochschild, os atuais eleitores do Chega têm estado numa fila de espera, oprimidos, sem poder expressar o seu descontentamento e encontrar um "abrigo partidário" para os seus valores e, de repente, há uma fila ao lado, em que todos gritam o que querem. Não importa nada, nem ninguém, nessa fila a liberdade não tem limites e os excluídos são outros, são os imigrantes, são os que marcham pela sua liberdade de género, são as mulheres emancipadas e com discurso próprio. Na fila ao lado, André Ventura apregoa "Eu não quero saber das elites, eu quero o povo" (16.jan.2026).

A idolatria do líder é destacadamente a principal motivação dos eleitores do Chega para o exercício do seu voto e bem patente, não só na forma como lhe repetem os discursos, como na forma como o descrevem com admiração.

Os valores do partido, as políticas, a atitude contra o sistema, a revolta e impotência para tudo, bem como a corrupção, apontados como motivos para votar no Chega, são um espelho do discurso do seu líder.

Por contraposição, os eleitores de outros partidos equilibram a liderança com os valores do partido, dando também importância às propostas, e, por vezes, decidindo o seu voto por falta de melhor alternativa.

Fazendo a analogia da metáfora de Hochschild para o caso português, do "indivíduo republicano na fila de espera para o sonho americano", poderíamos dizer que o eleitor do Chega seria um indivíduo que há mais de 50 anos anseia pelo sonho de que a democracia transforme a sua vida, em que a elite - a classe política e os mais ricos - perca os seus privilégios e seja punida pelos seus atos de corrupção, e que a "boa vida" que leva possa finalmente não estar tão longe da que leva o cidadão comum, que tanto trabalha e recebe salários que não lhe permitem sequer ter um lar, uma habitação, quanto mais certos luxos. Neste caso, não seria Barack Obama, mas sim os governos de esquerda e António Costa quem teria acenado aos imigrantes, aos refugiados, às mulheres e às comunidades LGBTQIAPN+.

Tal como Trump é odiado e ridicularizado por comentadores, também André Ventura, como transparecem os/as entrevistados/as eleitores/as do Chega nos seus discursos, é vítima da comunicação social portuguesa e submetido à oposição de comentadores e entrevistadores. Este sentimento da comunicação social estar contra André Ventura, o "Robin dos Bosques" que se sacrifica pelo povo e o defende e se revolta contra a uma elite privilegiada está bem patente nos sentimentos dos entrevistados.

Como evidência empírica desta necessidade de atenção e palco político, destaque-se uma nota sobre o trabalho de campo, em que alguns entrevistados votantes do Chega sentiram uma grande gratidão por serem ouvidos e, alguns deles até, com alguma vaidade, queriam que as entrevistas fossem divulgadas.

Os discursos dos/as entrevistados/as do Chega reproduzem assim um emaranhado de exclusão social, quer no que verbalizam relativamente à liberdade de género ou à imigração, mas simultaneamente de vitimização pelo facto de não serem aceites e das suas opiniões não serem respeitadas.

Mas será que não se trata da própria intolerância a pedir para ser tolerada, fazendo-nos regressar ao dilema de Karl Popper (2012 [1945]) se podem as democracias ser tolerantes para com os intolerantes?

Bibliografia

Abrantes, P. (2011). Revisitando a teoria da reprodução: debate teórico e aplicações ao caso português. *Análise Social*, *46*(199), 261–281. https://doi.org/10.31447/AS00032573.2011199.04

Almeida, M. (2025, 22 de julho). "O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos": como o crescimento avassalador do movimento evangélico alavancou a extrema-direita brasileira. *Expresso*. https://expresso.pt/revista/culturas/televisao/2025-07-22-o-brasil-acima-de-tudo-deus-acima-de-todos-como-o-crescimento-avassalador-do-movimento-evangelico-alavancou-a-extrema-direita-brasileira-a03b5b93

Barros, C. (2024, 8 de março). Estudo indica que eleitores do Chega são os que mais demonstram nostalgia e saudades do Salazar e do Estado Novo. *Expresso*. https://expresso.pt/politica/eleicoes/legislativas-2024/2024-03-08-Estudo-indica-que-eleitores-do-Chega-sao-os-que-mais-demonstram-nostalgia-e-saudades-do-Salazar-e-do-Estado-Novo-eceb0f03

Bourdieu, P. (2007). *A Distinção: crítica social do julgamento*. Editora Zouk.

Bourdieu. P & Passeron, J.-C. (1990 [1970]), *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. Vega.

Carvalho, H. (2017 [2008]). *Análise Multivariada de Dados Qualitativos: Utilização da Análise de Correspondências Múltiplas com o SPSS*. Edições Sílabo.

Carvalho, M. (2025). *Por dentro do Chega: A face oculta da extrema-direita em Portugal*. Objectiva.

Costa, P. (Diretora). (2019). *Apocalipse dos Trópicos* [Documentário]. Netflix.

Dancygier, R. (2020). *Another progressive's dilemma: Immigration, the radical right & threats to gender equality*. Dædalus: The Journal of the American Academy of Arts & Sciences, 149(1), 56–71. https://doi.org/10.1162/DAED_a_01773

Deodato, R., & Costa, B. F. (2025). *A comunicação política de André Ventura: Uma análise à utilização do Instagram durante o período de debate e votação do Orçamento de Estado para 2025* [Dissertação de mestrado]. Universidade da Beira Interior. http://hdl.handle.net/10400.6/19600

European Social Survey European Research Infrastructure (ESS ERIC) (2023) ESS10 - integrated file, edition 3.2 [Data set]. Sikt - Norwegian Agency for Shared Services in Education and Research. https://doi.org/10.21338/ess10e03_2

Ferreira, G. B., & Ferreira, L. S. (2025). The polarization paradox: Social media, young voters, and the challenges to the open society. *Social Sciences*, *14*(9), 542. https://doi.org/10.3390/socsci14090542

Halperin, S. (2023). *The far right in modern world history*. Routledge.

Kaminska, O. (2020). *Guide to using weights and sample design indicators with ESS data* (V1.1). Institute for Social and Economic Research, University of Essex.

Lahire, B. (2004 [1998]). *O Homem Plural: As Molas da Acção*. Instituto Piaget.

Lupton, R. N., Smallpage, S. M., & Enders, A. M. (2020). Values and Political Predispositions in the Age of Polarization: Examining the Relationship between Partisanship and Ideology in the United States, 1988–2012. *British Journal of Political Science*, 50(1), 241–260. doi:10.1017/S0007123417000370

Magalhães, P. C., & Cancela, J. (2025, 23 de maio). *As bases sociais do novo sistema partidário português, 2022–2025*. Pedro Magalhães – Political Scientist. https://www.pedro-magalhaes.org/as-bases-sociais-do-novo-sistema-partidario-portugues-2022-2025/

Magalhães, P., Ramos, A., Madeira, F., Raimundo, F., Flores, I., Santana Pereira, J., Heyne, L., Cabrita, L., Manucci, L., & Vicente, P. (2024). *Os portugueses e o 25 de Abril: As atitudes dos portugueses em relação ao 25 de abril de 1974 e às*

mudanças sociais e políticas ocorridas nos últimos 50 anos. ICS – Universidade de Lisboa; Iscte – Instituto Universitário de Lisboa; SIC; Expresso; GfK Metris. https://50anos25abril.pt/wp-content/uploads/2024/04/sondagem_os_portugueses_e_o_25_de_abril.pdf

Manucci, L. (2024). Introduction to the special issue: "Portuguese populism: People, parties, and politics". *Análise Social*, 251, lix (2.º), pp. 2-11. https://doi.org/10.31447/202200.

Manucci, L., Marcos Marne, H., & Kartalis, Y. (2024). The promise of a better past: Media, authoritarian nostalgia, and the far right. *The International Journal of Press/Politics*. Advance online publication. https://doi.org/10.1177/19401612261415688

Mc Cluskey, E. (2024). *Bourdieu the ethnographer: Grounding the habitus of the 'far-right' voter*. SAGE journals: Cooperation and Conflict, Vol. 59(1), 23–46. https://doi.org/10.1177/00108367231154165

Mudde, C. (2019). *The far right today.* Polity Press.

Mudde, C. & Kaltwasser, C. R. (2017). *Populismo: Uma brevíssima introdução*. Gradiva.

Neundorf, A., & Smets, K. (2017). Socialização política e a formação dos cidadãos. *Oxford Handbooks Online*. Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199935307.013.98

Nunes, N. F. P. S. (2011). *Desigualdades sociais e acção colectiva na Europa* [Tese de doutoramento]. ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Ordem dos Advogados. (2026, 20 de janeiro). *Desinformação associada às presidenciais atinge níveis elevados*. https://portal.oa.pt/comunicacao/imprensa/2026/1/20/desinformacao-associada-as-presidenciais-atinge-niveis-elevados/

Popper, K. (2012 [1945]). *A sociedade aberta e os seus inimigos. Volume I: O sortilégio de Platão*. Edições 70.

Roque, J. A. O. M. (2022). *A repetição dos trânsitos: Uma prosopografia do Chega [The repetition of transits: A prosopography of Chega]* (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra). Estudo Geral – Repositório Institucional da Universidade de Coimbra. https://hdl.handle.net/10316/104976

Santos, R., & Roque, S. (2021). *The populist far-right and the intersection of anti-immigration and antifeminist agendas*. DiGeSt: Journal of Diversity and Gender Studies, 8(1). https://ojs.ugent.be/digest

Secretaria Geral do Ministério da Administração Interna. (2025). *Eleições Legislativas 18 de Maio 2025 – Resultados Globais*. https://www.legislativas2025.mai.gov.pt/resultados/territorio-nacional

Secretaria Geral do Ministério da Administração Interna. (2024). *Eleições Legislativas 10 de Março 2024 – Resultados Globais*. https://www.eleicoes.mai.gov.pt/legislativas2024/resultados/globais

Secretaria Geral do Ministério da Administração Interna. (2022). *Eleições Legislativas 30 de janeiro de 2022 – Resultados Globais*. https://www.eleicoes.mai.gov.pt/legislativas2022/resultados/globais

Tavares, J. M. (2025, 19 de maio). Precisamos todos de fazer uns estágios fora da bolha. *Público*. https://www.publico.pt/2025/05/19/opiniao/opiniao/precisamos-estagios-bolha-2133623

Tomizaki, K., Carvalho-Silva, H. H., & Silva, M. G. V. (2016). *Socialização política e politização entre famílias do movimento dos trabalhadores sem teto*. Educ. Soc., 37(137), 935-954, https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016166488

Vasconcelos, C. M. (2025, 20 de agosto). “O ritual anti-vergonha em quatro atos”: como Trump devolveu a muitos o orgulho roubado, segundo a socióloga Arlie R. Hochschild. *Expresso*. https://expresso.pt/internacional/eua/2025-08-20-o-ritual-anti-vergonha-em-quatro-atos-como-trump-devolveu-a-muitos-o-orgulho-roubado

Anexos

I – Caracterização da amostra (ESS)

Tabela 1 - Amostra por sexo, escalões etários e perfil político (ESS)

Cluster Perfil Político				Sexo		Total
				Homens	Mulheres	
Direita	Escalões etários	18-30	N	54	27	81
			%	25,5%	18,1%	22,4%
		31-50	N	81	56	137
			%	38,2%	37,6%	38,0%
		51-65	N	41	42	83
			%	19,3%	28,2%	23,0%
		>65	N	36	24	60
			%	17,0%	16,1%	16,6%
	Total		N	212	149	361
			%	100,0%	100,0%	100,0%
Desinteresse	Escalões etários	18-30	N	55	54	109
			%	26,1%	18,5%	21,7%
		31-50	N	55	96	151
			%	26,1%	32,9%	30,0%
		51-65	N	52	75	127
			%	24,6%	25,7%	25,2%
		>65	N	49	67	116
			%	23,2%	22,9%	23,1%
	Total		N	211	292	503
			%	100,0%	100,0%	100,0%
Esquerda	Escalões etários	18-30	N	20	31	51
			%	9,4%	11,1%	10,4%
		31-50	N	63	80	143
			%	29,7%	28,7%	29,1%
		51-65	N	51	88	139
			%	24,1%	31,5%	28,3%
		>65	N	78	80	158
			%	36,8%	28,7%	32,2%
	Total		N	212	279	491
			%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	Escalões etários	18-30	N	129	112	241
			%	20,3%	15,6%	17,8%
		31-50	N	199	232	431
			%	31,3%	32,2%	31,8%
		51-65	N	144	205	349
			%	22,7%	28,5%	25,8%
		>65	N	163	171	334
			%	25,7%	23,8%	24,6%
	Total		N	635	720	1355
			%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 2 - Amostra por sexo, nível de escolaridade e perfil político (ESS)

Cluster Perfil Político				Sexo		Total
				Homens	Mulheres	
Direita	Nível de escolaridade	Até 1º ciclo EB	N	26	26	52
			%	12,0%	16,9%	14,1%
		2º ciclo EB	N	22	15	37
			%	10,2%	9,7%	10,0%
		3º ciclo EB	N	45	26	71
			%	20,8%	16,9%	19,2%
		Ens. Secundário	N	78	43	121
			%	36,1%	27,9%	32,7%
		Ens. Superior	N	45	44	89
			%	20,8%	28,6%	24,1%
	Total		N	216	154	370
			%	100,0%	100,0%	100,0%
Desinteresse	Nível de escolaridade	Até 1º ciclo EB	N	40	68	108
			%	18,6%	22,7%	21,0%
		2º ciclo EB	N	28	39	67
			%	13,0%	13,0%	13,0%
		3º ciclo EB	N	71	54	125
			%	33,0%	18,1%	24,3%
		Ens. Secundário	N	49	88	137
			%	22,8%	29,4%	26,7%
		Ens. Superior	N	27	50	77
			%	12,6%	16,7%	15,0%
	Total		N	215	299	514
			%	100,0%	100,0%	100,0%
Esquerda	Nível de escolaridade	Até 1º ciclo EB	N	59	74	133
			%	28,1%	26,5%	27,2%
		2º ciclo EB	N	21	22	43
			%	10,0%	7,9%	8,8%
		3º ciclo EB	N	29	37	66
			%	13,8%	13,3%	13,5%
		Ens. Secundário	N	48	53	101
			%	22,9%	19,0%	20,7%
		Ens. Superior	N	53	93	146
			%	25,2%	33,3%	29,9%
	Total		N	210	279	489
			%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	Nível de escolaridade	Até 1º ciclo EB	N	125	168	293
			%	19,5%	23,0%	21,3%
		2º ciclo EB	N	71	76	147
			%	11,1%	10,4%	10,7%
		3º ciclo EB	N	145	117	262
			%	22,6%	16,0%	19,1%
		Ens. Secundário	N	175	184	359
			%	27,3%	25,1%	26,1%
		Ens. Superior	N	125	187	312
			%	19,5%	25,5%	22,7%
	Total		N	641	732	1373
			%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 2 - Amostra por sexo, profissão e perfil político (ESS)

Cluster Perfil Político				Sexo		
				Homens	Mulheres	Total
Direita	Profissão	Forças Armadas	N	1	0	1
			%	0,5%	0,0%	0,3%
		Poder legislativo e de órgãos	N	22	13	35
			%	10,7%	8,9%	10,0%
		Espec. actividades intelect. e	N	30	24	54
		científicas	%	14,6%	16,4%	15,4%
		Técnic. e profis. nível	N	26	14	40
		intermédio	%	12,7%	9,6%	11,4%
		Pessoal administrativo	N	6	13	19
			%	2,9%	8,9%	5,4%
		Trab. serv. pessoais, de	N	40	28	68
		protecção e segur. e vendedores	%	19,5%	19,2%	19,4%
		Agricultores e trab. qualific.	N	5	5	10
		agricult., pesca e floresta	%	2,4%	3,4%	2,8%
		Trab. qualific. indústria,	N	28	10	38
		construção e artífices	%	13,7%	6,8%	10,8%
		Operad. instalações e máq. e	N	33	16	49
		trab. montagem	%	16,1%	11,0%	14,0%
		Trabalhadores não qualificados	N	14	23	37
			%	6,8%	15,8%	10,5%
	Total		N	205	146	351
			%	100,0%	100,0%	100,0%
Desinteresse	Profissão	Poder legislativo e de órgãos	N	13	14	27
			%	6,7%	5,5%	6,0%
		Espec. actividades intelect. e	N	11	32	43
		científicas	%	5,7%	12,5%	9,6%
		Técnic. e profis. nível	N	22	14	36
		intermédio	%	11,4%	5,5%	8,0%
		Pessoal administrativo	N	12	18	30
			%	6,2%	7,0%	6,7%
		Trab. serv. pessoais, de	N	22	78	100
		protecção e segur. e vendedores	%	11,4%	30,5%	22,3%
		Agricultores e trab. qualific.	N	11	5	16
		agricult., pesca e floresta	%	5,7%	2,0%	3,6%
		Trab. qualific. indústria,	N	35	8	43
		construção e artífices	%	18,1%	3,1%	9,6%
		Operad. instalações e máq. e	N	46	29	75
		trab. montagem	%	23,8%	11,3%	16,7%
		Trabalhadores não qualificados	N	21	58	79
			%	10,9%	22,7%	17,6%
	Total		N	193	256	449
			%	100,0%	100,0%	100,0%
Esquerda	Profissão	Forças Armadas	N	1	0	1
			%	0,5%	0,0%	0,2%
		Poder legislativo e de órgãos	N	18	13	31
			%	8,7%	5,1%	6,7%
		Espec. actividades intelect. e	N	39	60	99
		científicas	%	18,9%	23,6%	21,5%
		Técnic. e profis. nível	N	27	26	53
		intermédio	%	13,1%	10,2%	11,5%
		Pessoal administrativo	N	8	17	25
			%	3,9%	6,7%	5,4%
		Trab. serv. pessoais, de	N	25	54	79
		protecção e segur. e vendedores	%	12,1%	21,3%	17,2%
		Agricultores e trab. qualific.	N	6	4	10
		agricult., pesca e floresta	%	2,9%	1,6%	2,2%
		Trab. qualific. indústria,	N	50	11	61
		construção e artífices	%	24,3%	4,3%	13,3%
		Operad. instalações e máq. e	N	25	24	49
		trab. montagem	%	12,1%	9,4%	10,7%
		Trabalhadores não qualificados	N	7	45	52
			%	3,4%	17,7%	11,3%
	Total		N	206	254	460
			%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	Profissão	Forças Armadas	N	2	0	2
			%	0,3%	0,0%	0,2%
		Poder legislativo e de órgãos	N	53	40	93
			%	8,8%	6,1%	7,4%
		Espec. actividades intelect. e	N	80	116	196
		científicas	%	13,2%	17,7%	15,6%
		Técnic. e profis. nível	N	75	54	129
		intermédio	%	12,4%	8,2%	10,2%
		Pessoal administrativo	N	26	48	74
			%	4,3%	7,3%	5,9%
		Trab. serv. pessoais, de	N	87	160	247
		protecção e segur. e vendedores	%	14,4%	24,4%	19,6%
		Agricultores e trab. qualific.	N	22	14	36
		agricult., pesca e floresta	%	3,6%	2,1%	2,9%
		Trab. qualific. indústria,	N	113	29	142
		construção e artífices	%	18,7%	4,4%	11,3%
		Operad. instalações e máq. e	N	104	69	173
		trab. montagem	%	17,2%	10,5%	13,7%
		Trabalhadores não qualificados	N	42	126	168
			%	7,0%	19,2%	13,3%
	Total		N	604	656	1260
			%	100,0%	100,0%	100,0%

II – Guião da entrevista

1. Dados sociodemográficos

Então, para começar, podemos falar um pouco de si e da sua situação atual.

1.1 – Qual a sua idade?
1.2 – Onde vive? Há quanto tempo?
1.3 – Qual o seu estado civil? (Tem filhos?)
1.4 – Qual a sua escolaridade? Quando concluiu?
(Se deixou de estudar cedo, explorar o tema)
1.5 – Que profissão exerce? (Em que situação? A contrato a termo?)
1.6 – Que profissões teve antes?
1.7 – Faz parte de alguma associação, clube, partido?

2. Posicionamento político

2.1 – E em termos políticos, sente-se uma pessoa mais de direita ou de esquerda? Tem votado mais à direita ou mais à esquerda?
2.2 – E porque é que acha que é mais de direita/esquerda?
2.3 – Sempre foi assim, ou é algo que sinta que foi mudando ao longo do tempo? E porquê?
2.4 – Então e se lhe perguntar, numa escala de 0 a 10, em que 0 é o mais à esquerda e 10 o mais à direita, onde é que se situaria? E até onde é que já foi?
2.5 - E o que acha de temas como o da imigração, que tanto tem dominado o debate político em Portugal?
2.6 – E qual a sua perceção relativamente ao estado da saúde em Portugal?
2.7 - E da educação?
2.8 - E a questão da habitação?
2.9 – E quais são para si os valores de família mais importantes?
2.10 – E qual a sua opinião em relação à vacinação?
2.11 – E em relação aos direitos das mulheres?

2.12 – E quanto às questões de género? Concorda, por exemplo, com o casamento entre pessoas do mesmo sexo? E a adoção de crianças?

2.13 – Algum destes temas tem ou teve um impacto mais direto na sua vida?

2.13.1 – De que forma tem (ou teve) impacto direto na sua vida?

2.14 – E qual a sua opinião sobre a importância da democracia em Portugal?

2.15 – E em que estado considera que se encontra a democracia em Portugal?

(já vi que se interessa por política…)

3. Comportamento Político Atual

3.1 – Então e como é que segue habitualmente as notícias da política nacional e as medidas tomadas no país? E a nível internacional?

3.2 – Participa em atividades políticas? (É membro de algum partido? Participa ou participou em manifestações públicas, assinatura de petições, publica conteúdos políticos nas redes sociais?)

3.3 – E votou nas últimas eleições legislativas de 18 de Maio (de 2025)?

3.4 – E lembra-se em que partido votou?

2.4.1 – Não tendo votado, há algum partido que sinta que representa melhor o seu posicionamento em relação a outros? Algum partido do qual se sinta mais próximo? O que o/a levou a não votar?

4. Percurso de vida e eleitoral

Então, olhando agora para trás na sua vida…

4.1 – Na sua família, enquanto mais jovem, falava-se de política? Os seus pais interessavam-se por política? (Tentar perceber que influencia poderá ter tido sobre o seu comportamento político atual)

4.2 – Que escolaridade têm os seus pais? Que profissão têm (ou tinham)?

4.3 – E onde vivem? Como foi a sua infância e juventude? (Tentar perceber o percurso de vida com a família e como viviam, como era o ambiente familiar)

4.4 – E em que altura da sua vida começou a interessar-se por política? (se for o caso)

4.5 – E os seus amigos/as? Falavam de política? Que influência exerceram na sua vida?

4.6 - E relativamente ao seu voto, lembra-se com que idade e qual foi o primeiro partido em que votou? E porquê?

4.7 – Era o mesmo partido em que a sua família votava? Ou amigos?

4.8 – O seu voto é algo que guarda para si, ou costuma partilhar / debater com alguém?

4.9 – Costuma votar no mesmo partido nas legislativas, nas autárquicas e nas europeias?

4.10 – Alguma vez votou num partido completamente diferente do habitual? (Caso tenha votado, porquê?)

4.11 – Então e nas eleições de 2022 (30.jan), em que o PS teve a maioria absoluta, lembra-se em que partido votou?

4.11.1 – E o que é que o/a levou a votar nesse partido? Houve algum momento ou alguma situação em particular que o/a levaram a votar nesse partido?

4.11.2 – Foi fácil tomar essa opção de voto? Ou esteve indeciso/a? (Caso tenha hesitado, qual era a outra opção?)

4.11.3 – Era o partido em que costumava votar?

4.12 – E lembra-se em que partido votou nas eleições de 2024 (10.mar)?

4.13 (Caso o partido em que votou se tenha alterado nos diferentes momentos, tentar perceber as motivações das mudanças) – Porquê a mudança de voto? Alguma vez se arrependeu de votar em algum partido? Em que situação?

4.14 - O que mais o motiva no partido em que votou nas últimas eleições? A liderança? As políticas propostas? Os valores que defendem?

4.15 – Quais seriam os problemas que gostaria de ver resolvidos na sua vida e que esse houvesse um partido que os resolvesse o/a levaria a votar nele?

4.16 - E apenas para terminar, qual a sua opinião pelo resultado global das últimas eleições de Maio e das primeiras medidas que estão a ser tomadas pelo atual governo?

4.17 – Há algum aspeto que gostaria de comentar, acrescentar ou esclarecer que tenha a ver com estas questões de que falámos?